



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE DIREITO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM DIREITO**

MILENA LORDELO ISSA

**“O CURSO MAIS REAL DE LITERATURA CONTA A TUA
HISTÓRIA”: UMA ESCRITA DE SI DA MULHER
ENCARCERADA**

Salvador
2018

MILENA LORDELO ISSA

**“O CURSO MAIS REAL DE LITERATURA CONTA A TUA
HISTÓRIA”: A ESCRITA DE SI DA MULHER
ENCARCERADA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de direito da
Faculdade de Direito da Universidade
Federal da Bahia como requisito para
obtenção de título de Bacharel em Direito.

Salvador, ___de_____de 2018

BANCA EXAMINADORA

Tatiana Emília Dias Gomes - Orientadora

Mestra em Sociologia e Direito pela Universidade Federal Fluminense (UFF)
Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Denise Carrascosa França

Doutora em Teorias e Crítica da Literatura e da Cultura pelo Instituto de Letras da
Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Ana Luiza Pinheiro Flauzina

Doutora em Direito pela American University Washington College of Law (AUWCL)
Universidade Federal da Bahia (UFBA)

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, por toda a dedicação ao longo da minha vida em fazer de mim um ser humano ético, uma mulher justa e do bem, apoiando os meus sonhos e dividindo os momentos de dificuldade.

À minha irmã, pela parceria incondicional. Por ser a minha melhor amiga e me compreender como ninguém, sempre me ajudando a enxergar o melhor em mim e no mundo.

À minha família querida, por tantas palavras de incentivo ao longo do curso de graduação, e pelo tanto que se orgulham das minhas conquistas e as ressignificam para mim com um valor muito especial.

Aos amigos de vida, por serem meu esteio nesse caminho longo e difícil e por todos os momentos de alegria que deram leveza a esses anos, e aos colegas de faculdade, meus verdadeiros mestres nessa trajetória, por me ensinarem, desde o primeiro dia de aula em 2012, que o legado mais importante a ser levado da UFBA para a vida é a sensibilidade com as diferenças e empatia.

Aos professores com quem tive a honra de dividir momentos especiais dessa graduação, pela contribuição à minha história de vida. Com destaque à minha orientadora, professora Tatiana Emília Dias Gomes, pela parceria e principalmente pela representatividade dentro da Faculdade de Direito da UFBA por tudo que simboliza e inspira como profissional e mulher. Com destaque também à professora coordenadora do projeto Corpos Indóceis e Mentis Livres, Denise Carrascosa França, por ter se tornado também uma grande inspiração, criando e coordenando um projeto de produção de subjetividade no cárcere de maneira tão humana e sensível.

Fome de viver uma vida plena
Fome de paz e silêncio
Fome de estar só
Fome de me compreender

(Grécia, *Corpos Indóceis e Ment
Livres*, 2015)

ISSA, Milena Lordelo. **“O Curso Mais Real de Literatura Conta a Tua História”**: uma escrita de si da mulher encarcerada. 2018. 66f. Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação – Faculdade de Direito, Universidade Federal da Bahia.

RESUMO

Este trabalho de monografia pretende analisar o Projeto Corpos Indóceis e Mentis Livres implementado no Conjunto Penal Feminino do Complexo Penitenciário Lemos Brito, em Salvador. Com ênfase em um material de composição de poesias feito pelas presas sentenciadas que participam do projeto, esse trabalho propõe se debruçar sobre a escrita de si no cárcere, observando como é ressignificada pelo encarceramento a visão de si como mulher e como sujeito de direitos. A metodologia de pesquisa utilizada foi a indutivo-analítica, através da ótica da pesquisa qualitativa e as técnicas de pesquisa escolhidas foram a análise documental, a entrevista semidiretiva e a observação participante. Os principais achados desse trabalho dizem respeito tanto ao entendimento e apropriação/rasura de estigmas pelas mulheres encarceradas quanto à percepção de convergências entre a literatura no cárcere e a literatura popular, cotidiana das favelas. Neste ponto, percebo que a literatura da mulher negra e suas questões temáticas conversam diretamente com a literatura feminina do cárcere. Além disto, ao longo do percurso de apropriação e construção de teorias a respeito da escrita e visão de si da mulher encarcerada, percebo uma situação de ir e vir de afirmação e inferiorização do eu que é privado da liberdade.

Palavras-chave: Literatura feminina, encarceramento feminino, poesia, escrita de si.

ISSA, Milena Lordelo. **"The Most Real Course in Literature Tells Your Story"**: a self-written imprisoned woman. 2018. 66f. Graduation Course Conclusion - Faculty of Law, Federal University of Bahia.

ABSTRACT

This work of monograph intends to analyze the Project Indocenters and Free Minds implemented in the Women's Criminal Set of the Penitentiary Complex Lemos Brito, in Salvador. With emphasis on a poetry composition material made by the sentenced prey participating in the project, this work proposes to focus on self-writing in the jail, observing how the view of self as a woman and as subject of rights is redefined by incarceration. The research methodology used was the inductive-analytical, through the qualitative research optics and the research techniques chosen were the documentary analysis, the semi-directive interview and the participant observation. The main findings of this work concern both the understanding and appropriation / erasure of stigmas by incarcerated women as well as the perception of convergences between literature in prison and subaltern literature. At this point I realize that the literature of the black woman and her thematic issues talk directly with the female literature of the jail. Moreover, along the path of appropriation and construction of theories regarding the writing and self-view of the incarcerated woman, I perceive a situation of coming and going of affirmation and inferiorization of the self that is deprived of freedom.

Keywords: Female literature, female imprisonment, poetry, self-writing.

SUMÁRIO

Sumário	9
1. INTRODUÇÃO.....	10
2 MÉTODOS DE ME INSERIR NO UNIVERSO DELAS	15
2.1 A pesquisa qualitativa.....	15
2.2 A indução analítica.....	16
2.3 Técnicas de aproximação	17
2.3.1 A leitura dos corpos, vozes e ambiente.....	17
2.3.2. Técnica da conversa com elas.....	19
2.3.3 Análise do material poético	21
2.4. Já falei da jardinagem, agora o jardim:	21
3. A GENTE ACABA NÃO SE ACOSTUMANDO.....	24
3.1 O muro pichado me avisou.....	24
3.2. De que cor são teus olhos?.....	30
3.3 “Alice está morta”?.....	36
4. CONVERSANDO COM ELAS.....	42
4.1. Eu escondo bem a escritora, não mostro a vocês nem a mim.....	42
4.2. “Me acabo nos livros”.....	44
5. O CADERNO DE RETALHO VERDE E COMO ELAS SE LÊEM.....	49
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	58
REFERÊNCIAS.....	60

ANEXOS

Guia de entrevista semidiretiva

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

1 INTRODUÇÃO

Pesquisar sobre algo ligado à vida no cárcere veio como consequência inevitável dos meus anos de graduação, desde o primeiro contato com professores(as) garantistas da área de Direito Penal da Faculdade de Direito da UFBA, que ainda são grandes inspirações, até a prática jurídica vivida como estagiária da Defensoria Pública do Estado da Bahia. Falando especificamente no meu último ano na Defensoria Pública, no setor de urgências criminais relacionadas a presos(as) provisórios(as), foi lá que tive o feliz encontro com o defensor público Daniel Nicory do Prado e sua busca incessante pela garantia dos direitos dos presos do interior do estado e da Cadeia Pública de Salvador. Foram muitos os aprendizados e a prática jurídica associada ao engajamento social de Daniel me fizeram atentar com mais cuidado às necessidades dos(as) encarcerados(as), para além do que o Direito pode alcançar.

Inicialmente, o assunto de minha monografia nada tinha a ver com literatura e prisão. Estagiando com prisão em flagrante e sempre interessada em estabelecer um recorte feminista para o Direito Penal, estava a adentrar o universo da Lei Maria da Penha e, mais especificamente, uma problemática que envolvia o arbitramento de fiança. Já havia solicitado a orientação da professora Tatiana Emilia, mas sentia falta de uma dimensão mais sociológica no meu tema, com discussão que perpassasse o ramo da Criminologia, falasse de Direitos Humanos dentro do Direito Penal por uma perspectiva mais viva, mais real. E principalmente que falasse de pessoas através das pessoas e não através da lei.

Foi em uma palestra sobre ativismo prisional no Fórum Social Mundial 2018, ocorrida no campus de Ondina da Universidade Federal da Bahia, que tive os primeiros vislumbres sobre qual questão de pesquisa formular. Foram apresentados na palestra diversos tipos de ativismos nas prisões do mundo inteiro e algo em especial me chamou a atenção: iniciativas que tratavam da remissão de pena através da literatura com mulheres. Com isso, uni as duas coisas que mais me fascinam em um único projeto: criminologia e literatura.

Mas como trazer esse binômio literatura/prisão para um trabalho de conclusão de curso e qual universo utilizar? Foi então que recebi emprestado do meu então chefe Daniel Nicory, após uma de nossas sempre frutíferas conversas, um livro chamado “A legibilidade do Ilegível”, de textos produzidos por mulheres condenadas e em cumprimento de pena privativa de liberdade de Belo Horizonte, Minas Gerais. Foram as lágrimas mais inspiradoras que meus olhos já viram, confesso aqui. Histórias fortes, as esperanças mais

lindas de liberdade contadas por mulheres. Por isso tanto me emocionaram e me trouxeram uma vontade enorme de mergulhar mais ainda naquele universo.

Foi então que eu percebi que meu projeto de monografia que estava prestes a nascer não iria tratar apenas de literatura e cárcere. Trataria também de mulheres, uma vez que um aspecto inevitável que me trouxe até a conclusão deste bacharelado em Direito foi meu processo construtivo intelectual e político como feminista, o que devo a mulheres especiais que cruzaram meu caminho acadêmico e, em especial, ao Coletivo Madás, o coletivo feminista de Direito, na UFBA.

O coletivo continuou a me aproximar da orientadora Tatiana Emilia, que faz parte junto comigo atualmente de um curso chamado PLP (Promotoras Legais Populares), promovido pelas Madás, de formação em Direitos Humanos para trabalhadoras terceirizadas da Universidade Federal da Bahia, voltado para o empoderamento feminino, que foi e ainda é o momento mais significativo da minha passagem pela UFBA.

Eu precisava falar de encarceramento, de literatura como veículo libertador. E precisava ainda mais falar de mulheres. Foi em meio a esta junção de assuntos e busca por um sujeito de pesquisa que ouvi falar, por uma colega de graduação que pesquisa Direito Penal e feminismos, do projeto coordenado pela Professora Doutora Denise Carrascosa, “Corpos Indóceis e Mentis Livres” na Penitenciária Lemos de Brito, no Conjunto Penal Feminino, em Salvador.

Por intermédio da minha orientadora Tatiana Emilia, tive um primeiro encontro com Professora Denise Carrascosa, na Faculdade de Direito. Denise explicou a dinâmica das oficinas de literatura, contou como trabalha os diversos estilos literários e como as mulheres manejam o que aprenderam de técnica de escrita e como expõem o que pensam/sentem sobre os temas escolhidos para cada oficina. Conversamos sobre a minha possibilidade de participar de algumas atividades do projeto, algumas visitas e acesso ao material de produção das presas.

Como o meu interesse de estudo é a escrita da mulher encarcerada, e não uma análise estrutural do projeto, concluímos que seria prioridade a análise documental como técnica de pesquisa. A escolha do material para análise documental foi orientada pela professora Denise, que disponibilizou um livro de poesias de uma das edições da oficina. A partir de então, redefini meu tema de pesquisa, voltando-me para a análise de poesias elaboradas por mulheres encarceradas participantes do projeto Corpos Indóceis e Mentis Livres, a fim de compreender o processo da escrita de si.

De onde veio a “escrita de si”? A professora Denise Carrascosa, em seu livro “Técnicas e políticas de si nas margens, seus monstros e heróis, seus corpos e declarações de amor: literatura e prisão no Brasil pós-Carandiru”, elabora a expressão “escrita de si” estendendo os efeitos de uma “cultura de si” teorizada por Michel Foucault, que nada mais é do que o discurso verdadeiro que é formado no processo de aprender a resistir aos acontecimentos, se apropriar de suas aprendizagens.

A escrita de si então veio a ser a problemática desse trabalho. Percebi, com a imersão nesse assunto, que a literatura abre um caminho estreito, porém iluminado, para a mulher encarcerada se reencontrar, de modo que, segundo Denise Carrascosa (2015, p.134), “a escrita como um exercício constituiria um ‘treino de si por si mesmo’”. Ao longo da construção da pesquisa, principalmente com a experiência empírica, busco a maior proximidade possível com a visão que a mulher encarcerada tem de si, e em que proporção essa visão de si aparece na sua produção de subjetividade incentivada pelo projeto *Corpos Indóceis e Mentis Livres*.

Por essa perspectiva, o objetivo geral já se desenha: capturar, através do recorte escolhido, que foi o gênero textual poesia, os elementos que constituem a escrita de si da mulher encarcerada, adentrar nesse cotidiano árido através da leitura do projeto *Corpos Indóceis e Mentis Livres*.

Os objetivos específicos, por sua vez, foram: a) observar e analisar o funcionamento das oficinas de literatura do projeto *Corpos Indóceis e Mentis Livres*; b) analisar o material de poesia disponibilizado, elaborando a discussão da “escrita de si”; c) compreender a conjuntura do encarceramento da mulher e suas peculiaridades, que são inevitavelmente trazidas para sua literatura; d) articular a produção literária das mulheres encarceradas com a literatura produzida por mulheres negras no Brasil, sobretudo em suas convergências.

A questão de pesquisa que orienta esse trabalho monográfico se articula e se soma a outras pesquisas que tiveram a escrita produzida no ambiente do cárcere como matéria de investigação, seja dos considerados(as) presos(as) políticos(as), seja dos(as) considerados(as) presos(as) comuns, divisão arbitrária, que escamoteia o fato de que toda prisão é política. São exemplos desses estudos, os trabalhos de Alfredo Bosi, Aulus Mandagará Martins, Paulo Roberto Alves de Carvalho, Ovídio Poli Junior, Maria Rita Palmeira.

O primeiro capítulo desse trabalho se destina à apresentação da escolha metodológica. Respeitando técnicas e conceitos do universo científico, porém, atenta

aos(às) sujeitos(as) e cuidando de não objetificá-los(as), evitei termos que se refiram ao(à) encarcerado(a) como “amostra” de uma pesquisa. A escolha pela pesquisa qualitativa se justifica pela própria natureza reflexiva e crítica deste trabalho, que precisa de um estudo aprofundado do ambiente empírico. Quanto à abordagem da indução analítica, essa se familiariza com o trabalho por se tratar do estudo de um fenômeno social e necessitar, como caminho, da vivência em campo. Característico do método indutivo analítico, a questão de pesquisa teve uma reformulação contínua, a partir dos achados preliminares no campo.

As técnicas de pesquisa utilizadas nesse trabalho foram escolhidas de modo que pudessem cercar o campo de análise com satisfatória leitura do fenômeno estudado. A técnica da observação é explicitada na seção do capítulo de metodologia intitulado “Leitura dos Corpos, Vozes e Ambiente”, o que já indica qual a minha compreensão do método. Apesar de a questão de pesquisa ser ligada à literatura e compreensão de si, a leitura das formas de agir, de se expressar diante dos assuntos eleitos para debates durante os encontros por essas mulheres tem, no estudo, suma importância, assim como a leitura do ambiente e de suas condições físicas muito tem a dizer sobre esse processo de produção de literatura no cárcere.

A técnica de entrevista semidiretiva é nomeada por mim como “técnica de conversa com elas” porque se diferencia de uma entrevista convencional, estruturada em perguntas direcionadas, proporcionando uma maior liberdade ao(à) entrevistado(a), pretendendo deixá-lo(a) confortável para expor seus pensamentos e criando, com isso, um material empírico de maior alcance para a produção teórica. A outra técnica utilizada foi a análise documental, tendo como objeto o caderno de poesias elaborado pela turma do projeto Corpos Indóceis e Mentis Livres do ano de 2015, extraindo disto elementos que fundamentam toda a análise crítica que rodeia a escrita de si da mulher encarcerada.

O segundo capítulo é subdividido em diários de campo de três das visitas que fiz ao Conjunto Penal Feminino como observadora do projeto Corpos Indóceis e Mentis Livres. Reúne minhas impressões do ambiente, vivências e relatos sobre as aulas de literatura, além dos contatos que tive com as mulheres, enquanto estava ali a observar aquelas oficinas de literatura.

O terceiro Capítulo pormenoriza as entrevistas com as encarceradas e analisa questões provenientes dos seus relatos naqueles momentos. O quarto capítulo analisa a produção da turma de 2015, cujo gênero literário foi a poesia, também abordando as

temáticas que surgem nessa produção literária relativa às relações de classe, de gênero e de raça.

2 MÉTODOS DE ME INSERIR NO UNIVERSO DELAS

2.1 A pesquisa qualitativa

A adoção de um método científico é de basilar importância para o início de uma pesquisa, é o que modula o caminho a ser seguido ao produzir ciência. A metodologia, segundo Pedro Demo (1995), “é uma disciplina instrumental a serviço da pesquisa. Ao mesmo tempo que visa conhecer caminhos do processo científico, também problematiza criticamente.” Tem, portanto, uma natureza problematizante.

Esse trabalho se valeu dos estudos da chamada pesquisa qualitativa, porque explora mais profundamente o fenômeno estudado, usando uma quantidade menor de dados do que a pesquisa quantitativa, por exemplo. Sobre a pesquisa qualitativa especificamente, Demo (1995, p. 25) teoriza sobre uma “qualidade política”. Segundo ele, “qualidade política coloca a questão dos fins, dos conteúdos, da prática histórica. Aponta para a dimensão do cientista social como cidadão, como ator político, que inevitavelmente influencia e é influenciado.”

De acordo com Jean Pierre Deslauriers e Michele Kérisits (2008, p.138), “seu objetivo consiste em reconstituir o desenvolvimento dos processos sociais, ou em descrever a totalidade de um meio social e seus componentes.” Mesmo que não tenha intenções e proporções de produzir uma teoria, ela vai, segundo o pensamento desses autores, propor conceitos que confirmam um certo valor de um trabalho teórico, se valendo de literatura científica já existente e da própria leitura que os sujeitos daquela amostra fazem do fenômeno estudado.

Como um dos traços característicos da pesquisa qualitativa consiste em vincular-se à interpretação que os atores sociais fazem dos fenômenos que se inscrevem em seu meio, aspecto particularmente crítico para a antropologia cultural, decorrem daí resultados em que os conceitos específicos dos sujeitos da pesquisa se combinam aos do pesquisador. (DESLAURIERS e KÉRISITS, 2008, p.142).

Nesse trabalho, a fim de conhecer mais profundamente o universo da escrita de si em uma situação de encarceramento, optei por ir a campo como observadora em alguns encontros, além de analisar uma compilação de textos de uma temporada do projeto *Corpos Indóceis e Mentis Livres* com as mulheres presas, que foi o material de poesia de 2015, e também realizei entrevistas semidiretivas com duas das presas do Conjunto Penal Feminino, participantes do projeto.

Em linhas gerais, as intenções da técnica qualitativa se encaixam na proposta deste trabalho por descrever um fenômeno social e se utilizar, além de uma literatura já existente, da visão de si da mulher nesse contexto, para compreender a sua experiência.

Entende-se a seleção da questão de pesquisa numa proposta qualitativa como uma construção progressiva, que vai sendo estruturada de questões gerais à específicas, de acordo com direcionamento que o próprio objeto de pesquisa vai ditando, a cada nova etapa de produção.

[...] o pesquisador se colocará, primeiramente, questões gerais que ele transformará em objeto mais específico, à medida que ele avançar em seus trabalhos. O processo da coleta de dados e da análise obriga o pesquisador a vasculhar sistematicamente o campo de investigação para construir seu objeto. Esse movimento de vai-e-vem ritma a cronologia do ato de pesquisa e constitui uma das principais características da pesquisa qualitativa. (DESLAURIERS e KÉRISITS, 2008, p.149)

Como já mencionado na Introdução, houve um processo de transformação da questão de pesquisa neste trabalho. Primeiramente, o levantamento de questões gerais de caráter amplo como discussão da literatura prisional, do recorte de gênero; a escolha do projeto *Corpos Indóceis e Mentis Livres* como amostragem e, depois, a filtragem progressiva do ambiente de pesquisa perante as próprias necessidades de abordagem do tema.

2.2 A indução analítica

A abordagem indutiva foi a escolhida para a produção deste trabalho e seu procedimento se caracteriza pela reformulação contínua da questão de pesquisa. Nas palavras de Jean Pierre Deslauriers,

A indução analítica se apresenta como um dos primeiros métodos de pesquisa sociológica [...] aparece na época em que a sociologia americana busca se constituir enquanto ciência, em relação às ciências físicas e naturais que a precederam, mas, ao mesmo tempo, quer se distinguir delas e rivalizar com elas: seus defensores julgam provar ser possível não só coletar material qualitativo, como também analisá-lo de forma rigorosa. (DESLAURIERS, 2008).

Segundo Isabel Carvalho Guerra (2006, p.22), na indução analítica, “[...] a lógica da investigação não é gerada a priori pelos quadros de análise do investigador, que espera conseguir encontrar essa lógica através da análise do material empírico que vai colhendo.”

Ainda segundo Isabel (2006, p. 23), o método de indução não é algo novo, remonta uma postura sociológica da Escola de Chicago e o respeito pelo empírico é seu elemento base. Em suas palavras, “recorrendo às análises indutivas, as metodologias compreensivas criticam o apriorismo dos quadros hipotético-dedutivos e recorrem ao conceito de indução para fundamentar o processo de análise e a relação entre teoria e empiria.”

Como o presente trabalho tem como terreno um fenômeno social de compreensão do sujeito de si mesmo e suas técnicas de sobrevivência, dentre elas, a literatura, percebe-se uma compatibilidade com a linha indutiva, uma necessidade da empiria como caminho para investigação. Além desta, existe outra familiaridade com o método indutivo, que é a reformulação contínua dos seus objetivos e postulados, que sofreram algumas modificações desde a primeira visita em campo. Paralelamente a isto, a lógica da investigação foi sendo gerada pelo material empírico, que foi apontando os direcionamentos da discussão, de acordo com a vivência em campo.

2.3 Técnicas de aproximação

2.3.1 A leitura dos corpos, vozes e ambiente

A técnica qualitativa da observação participante emprestou algumas de suas ferramentas estruturantes que ajudaram na definição da metodologia deste trabalho. Analisar um projeto de literatura feminina na prisão, com a intenção de testemunhar o processo de compreensão de si na escrita, seria muito precário se não houvesse, além da análise da própria produção, a análise do comportamento dessas mulheres nas aulas em que expõem o que pensam sobre as temáticas abordadas, principalmente porque a ferramenta da leitura corporal e situacional é de grande valia para o conjunto do método.

Para uma tentativa de construção gradual de sua definição, cito Myléne Jaccoud e Robert Mayer, definindo a observação:

De modo geral, a observação dos fenômenos, qualquer que seja a sua natureza, constitui o núcleo de todo procedimento científico. Os fundadores das ciências sociais, e, mais precisamente, os fundadores da sociologia, fizeram da observação o critério fundamental do conhecimento, com os fatos sociais tornando-se, nos primórdios do desenvolvimento dos métodos nas ciências sociais, os “sujeitos de observação. (JACCOUD, MAYER, 2008, p. 254.)

A prática da observação obteve dentro das ciências sociais outras denominações, dentre elas a “observação participante”, “observação in situ”. Ainda segundo Myléne Jaccoud e Robert Mayer,

Esse procedimento se harmoniza com uma sociologia que coloca no centro de seu objeto de estudo, não fatos constituídos, à maneira de Durkheim, mas sim ações coletivas e processos sociais que podem ser em parte apreendidos por meio de interações diretas, cuja significação – cabe não negligenciar – não é determinada previamente. (JACCOUD, MAYER, 2008, p. 255.)

Sobre isto, trago para análise o presente trabalho e me deparo com essa questão trazida dos objetos de estudo verdadeiramente serem ações coletivas e processos sociais, e isso permeia todo o caminho da minha análise. As mulheres encarceradas são parte dessa questão de pesquisa não nas suas condições pessoais isoladas, mas sim, de um processo social que é o encarceramento.

É certo que a obra analisada, o livreto de poesias, diz sobre as memórias pessoais de cada uma delas e também que, perante a observação da dinâmica das oficinas de literatura, há muito a se perceber na dimensão individual, e há muito o que ser investido por uma profissional que adentra o sistema carcerário, em termos de diálogo (seja com palavras ou gestos) que transmitam a ideia de que elas são sujeitos infinitos em suas particularidades e importantes para o mundo. Porém, quando se fala em um processo social, em ações coletivas, pode-se perceber que a voz dessa mulher encarcerada fala por milhares de outras mulheres, fala por uma classe. Fala por uma raça, quase sempre. E tem o poder de contar uma história coletiva.

A interação direta mencionada foi de fundamental importância para o propósito do trabalho e, em se tratando desse aspecto, se faz necessária a consideração da minha posição como observadora e do lugar da observação dentro desse procedimento. E este lugar da observação variava durante as visitas. É evidente que, mesmo como visitante observadora, a minha presença no ambiente faz dele um ambiente completamente novo, não sendo possível delimitar nível de interferência disso no comportamento das participantes e, muito menos, na aula como fenômeno estudado.

A primeira aula observada foi no dia 24 de maio de 2018 e me permitiu extrair informações sobre diversos aspectos do objeto de pesquisa, dentre eles a quantidade de mulheres inscritas no curso e quantidade efetivamente presente, que corresponde sempre a um número menor, de 14-8, 14-7, uma noção da faixa etária: nenhuma uniformidade, mulheres entre as faixas de 20 e 50 anos, cor/raça: mulheres brancas, pardas e negras, com um alto número de brancas, considerando-se o contexto social, além de aspectos subjetivos trazidos à tona em meio a dinâmica da aula.

A segunda visita foi no dia 28 de junho de 2018 e o olhar de observadora era outro, por já ter tido contato com a turma. Mesmo com alguma noção prévia da dinâmica, houve surpresas. Dentre elas a presença de mais duas estudantes visitantes e a mudança no quadro de participantes, por motivos que não chegaram ao meu conhecimento.

Dentro de algumas dinâmicas de debate dos textos, a professora Denise me deu voz e, a partir daquele momento, me tornava parte contributiva do fenômeno social, não apenas observadora. Não apenas o momento em que me pronuncio verbalmente, mas a minha própria presença ali, introduzida e apresentada pela professora, muda completamente o cenário. Todo o comportamento das presas, diante de mim, pode não ser, e certamente não é, o mesmo que seria sem a minha presença. O meu lugar social, a minha imagem, diz

algo sobre mim e diz algo sobre como a dinâmica daquele contexto funcionou naquele momento.

2.3.2. Técnica da conversa com elas

Ao longo da constante reestruturação da questão de pesquisa, própria do método indutivo, percebi a necessidade de, além de observação em campo, conversar com as mulheres encarceradas para ampliar as perspectivas da pesquisa, considerando a visão delas próprias do fenômeno estudado.

A técnica de entrevista semidiretiva foi a segunda técnica escolhida para este trabalho, por entender ser a mais adequada ao contexto empírico, se tratando de questões elementarmente abertas. Na obra “Práticas e Métodos de Investigação em Ciências Sociais” se encontra uma definição bem estruturada e elucidativa de como seria esse tipo de entrevista.

Por um lado, trata-se de permitirmos que o próprio entrevistado estruture o seu pensamento em torno do objeto perspectivado, e daí o aspecto parcialmente <<não directivo>>. Por outro lado, porém, a definição do objeto de estudo elimina do campo de interesse diversas considerações para as quais o entrevistado se deixa naturalmente arrastar, ao sabor do seu pensamento, e exige o aprofundamento de pontos que ele próprio não teria explicitado, e daí, desta vez, o aspecto parcialmente <<directivo>> das intervenções do entrevistador. (RUQUOY, 2011, p. 87)

Sobre a referida dinâmica de estruturação do pensamento pelo(a) entrevistado(a), com pouca influência do(a) entrevistador(a), pode-se dizer que segui as recomendações referentes à técnica, dando completa liberdade às entrevistadas e iniciando a entrevista de maneira que inserisse ali uma característica de conversa informal.

O ato preparatório para a dinâmica da entrevista semidiretiva é a confecção de um guia de entrevista, onde são delineados os objetivos daquele momento de coleta de informações, lançando mão de algumas estratégias. Sobre isto, cito Ruquoy,

O guia de entrevista distingue-se do protocolo do questionário. Enuncia os temas a abordar com o objetivo de intervir de maneira pertinente para levar o entrevistado a aprofundar o seu pensamento ou a explorar uma questão nova de que não fala espontaneamente. O guia não é utilizado como um questionário (para estimular a conversa é preferível utilizar o vocabulário do entrevistado, e não os termos do guia), é um sumário, recorre-se a ele respeitando o mais possível a ordem de exposição do pensamento do entrevistado. (RUQUOY, 2011, p.110-111)

Antes de começar a entrevista, é recomendado que o(a) entrevistador(a) deixe o(a) entrevistado(a) à vontade, recorde o acordado no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e revele a importância daquela entrevista para o contexto da investigação. Li o termo juntamente com cada presa entrevistada, destacando o comprometimento com o sigilo das suas identidades.

Como toda técnica de pesquisa, para a entrevista semidiretiva existem momentos chave e uma sequência recomendada de procedimentos. Após o acordado no início do contato com o(a) entrevistado(a), sugere-se escolher uma questão introdutória e, durante o corpo da entrevista, existe para esta técnica uma exigência de “apreensão o mais fiel possível do modo de pensamento do entrevistado” (RUQUOY, 2011, p.111).

Outro aspecto relevante é o filtro do(a) entrevistador(a), visto que existe uma maior liberdade do(a) entrevistado(a) que pode o(a) levar a divagar sobre outros assuntos, “porquanto o entrevistador seleciona de entre as afirmações do entrevistado o que se refere ao objeto de estudo.” (RUQUOY, 2011, p.111)

Voltando ao campo de pesquisa, é preciso falar sobre revelação da identidade das mulheres encarceradas. Como elucidado no Termo de Consentimento assinado por elas antes das entrevistas, e previamente acordado com a coordenadora do projeto, esse trabalho tem comprometimento com o sigilo de seus dados pessoais. Todavia, é preciso elaborar a identificação de cada uma delas, de modo a conferir individualidade e humanização às situações descritas. Pensando nisto, decidi utilizar, ao me referir às encarceradas, nomes de escritoras negras brasileiras, por motivo simbólico de representatividade e consonância com o tema de pesquisa. Seriam elas: Esmeralda Ribeiro, Miriam Alves, Maria Firmina dos Reis, Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo, Alzira Rufino, Beatriz Nascimento, Cidinha da Silva.

2.3.3 Análise do material poético

Diante do objetivo central deste trabalho, que circunda a literatura no cárcere com o recorte da poesia, a técnica da análise documental se faz imprescindível. O documento objeto desta técnica é o Caderno Verde de Retalhos com poesias da edição de 2015 do projeto *Corpos Indóceis e Mentis Livres*, como foi apelidado no capítulo desse trabalho que se destina à sua análise, separado pela professora Denise Carrascosa e disponibilizado para uso neste trabalho.

Le Goff (1924) fala de documento como história de um imaginário e dá uma conotação bastante indutiva, pode-se assim dizer, trazendo uma definição de produções do espírito que, segundo ele “permite tratar o documento literário e o artístico como documentos históricos de pleno direito, sob a condição de respeitar sua especificidade; história das condutas, das práticas, dos rituais, que remete a uma realidade oculta, subjacente, ou história do simbólico.” (LE GOFF, 1924, p.7)

Esta noção de documento literário como documento histórico e de uma realidade

subjacente conversa diretamente com a amostra desse trabalho. A poesia da mulher encarcerada é um documento histórico, em parte arte, em parte denúncia, por ser retrato subversivo de uma experiência social.

Ainda sobre a sua importância histórica, escreve Cellard

As capacidades da memória são limitadas e ninguém conseguiria pretender memorizar tudo. A memória pode também alterar lembranças, esquecer fatos importantes, ou deformar acontecimentos. Por possibilitar realizar alguns tipos de reconstrução, o documento escrito constitui, portanto, uma fonte extremamente preciosa para todo pesquisador nas ciências sociais. (CELLARD, 2012. p. 295)

No contexto do encarceramento, pode-se dizer que o risco de manipulação de acontecimentos e até mesmo de apagamento de certas vivências é potencializado. Materializar o trabalho de produção literária das encarceradas constitui, portanto, na produção de documento histórico de extrema importância que possibilita, inclusive, aprofundamento na experiência prisional por meio de trabalhos de pesquisa como este.

Com a utilização da técnica da análise da escrita, pude contornar, em alguma medida, relativo desgaste da técnica de entrevista em um cenário como o Conjunto Penal Feminino de Salvador. As presas entrevistadas nesse espaço, além de serem sempre as mesmas a aceitar colaborar com os trabalhos científicos, podem lançar mão de estratégias, propositais ou não, que acabam por não expor alguns discursos.

A técnica de entrevista, por si só, já tem suas limitações. É um terreno nebuloso de coleta de informações pela maneira de acessar outro indivíduo num diálogo direto, o que implica questão de confiança e conforto. Por este motivo, a análise de um material de fonte escrita, fonte negligenciada no contexto do encarceramento, me permitiu acessar um outro discurso dessas mulheres. Em um novo ambiente, a produção de poesias trouxe, portanto, novo fôlego para as encarceradas dizerem os seus pensamentos, o que confere mais força ao discurso.

2.4 Já falei da jardinagem, agora o jardim

O presente trabalho tem como amostra o projeto *Corpos Indóceis e Mentos Livres*, que funciona no Conjunto Penal Feminino de Salvador e é coordenado pela Professora Denise Carrascosa, membro do quadro docente do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia. Esse trabalho analisa primeiramente a própria dinâmica das suas aulas, que são oficinas de literatura com espaço de diálogo livre sobre temáticas variadas, porém sempre com sua função educativa revestida de visão crítica sobre as relações raciais e sociais. Além disto, analisa um material de poesias confeccionado pelas mulheres encarceradas participantes. O projeto *Corpos Indóceis e Mentos Livres* utiliza a arte literária

como instrumento de produção política dentro de um contexto de encarceramento e elabora o que a própria coordenadora chama de “escrita de si” no cárcere.

A concepção e coordenação do projeto é de Denise Carrascosa, entretanto, ela conta com colaboradoras que também são membros efetivos e constroem essa história com ela. São todas mulheres e, de alguma forma, se encontram em um mesmo universo: todas artistas. Denise explica fazer questão de que sejam todas mulheres negras, militantes, que compreendam a dimensão humanista do trabalho do projeto e utilizem com as encarceradas uma linguagem artística. São elas: Márcia Lima, atriz de teatro; Luciany Aparecida, poeta; Val Souza, dançarina e performance e Patrícia Freitas, cineasta. Esses nomes, segundo a coordenadora, são os seus nomes artísticos, pelos quais são conhecidas.

O grupo de presas selecionado para as aulas do projeto muda conforme cada edição do projeto. O critério é ser presa sentenciada, com o objetivo de utilização da frequência em aulas para o benefício de remissão de pena. Outro critério utilizado e este não é de exigência da coordenação do curso e sim da unidade prisional, é o de alfabetização das participantes. Normalmente, a lista de inscritas abrange uma média de quatorze mulheres. Este número não é sempre coincide com a frequência das mulheres nas aulas. Muitas vezes, algumas se sentem indispostas, doentes, ou até mesmo tristes e sem condições de interagir com o grupo. Por isto, e como uma roupagem muito comum da pesquisa qualitativa, a cada visita minha ao Conjunto Penal Feminino, poderia e seria, quase que necessariamente, um novo ambiente.

Um ponto relevante que acaba sendo característica elementar desse estudo, porque consiste numa escolha da coordenadora do projeto que ressignifica o campo de pesquisa, é a regra de não obter informações sobre a conduta definida como crime supostamente cometido por cada uma. A professora Denise Carrascosa explica que faz questão de se aproximar das encarceradas por um outro caminho, de conhecer as suas histórias e memórias de uma vida antes do episódio que desencadeou a prisão e que, sendo assim, nos dias de oficina do projeto, esse estigma, que já lhes é vestimenta, pode ficar do lado de fora da porta.

Depois de algumas semanas com o título “Literatura Feminina e Prisão – Uma análise do projeto *Corpos Indóceis e Mentis Livres – a escrita da mulher encarcerada*”, senti a necessidade de um outro recorte que especificasse um campo de análise mais restrito, de um gênero textual, por exemplo. E, devido à filtragem da própria coordenadora do material de produção, foi feito o recorte do gênero textual poesia. Além disto, pode-se perceber que

a escolha das entrevistadas, ponderando a respeito da adequação à proposta, deu outro recorte ao tema. Tudo isto apresenta o processo de reelaboração do objeto na pesquisa qualitativa no âmbito de cada técnica utilizada.

Sobre o recorte do gênero poesia, isto se deu pelo fato de a professora Denise Carrascosa ter separado para mim o material de poesia da edição de 2015 do projeto *Corpos Indóceis e Mentes Livres*, por estar compilado em um livreto e ser de fácil manuseio e organização. Segundo ela, fazem poucos exemplares de cada material, devido ao limite de verbas. O projeto não conta com colaborações financeiras de fora, todo o material é financiado pela própria coordenadora. São pequenos livretos produzidos ao final de cada edição do projeto, num processo totalmente artesanal, que se utiliza de materiais de baixo custo.

Ainda a respeito do material selecionado para análise, é importante destacar que a turma que o produziu não é a mesma turma que observei em campo, nas visitas ao Conjunto Penal Feminino. Como esclarecido no parágrafo anterior, foi mais conveniente na conjuntura apresentada que eu utilizasse o material de 2015. Digo isto porque, em meio aos relatos e durante a leitura do trabalho, o(a) leitor(a) pode ter a equivocada impressão de que as poesias analisadas pertencem à turma visitada por mim. Isto não seria possível, visto que é regra interna que a cada edição do projeto as participantes sejam sempre novas presas, que ainda não tiveram acesso ao curso.

3 A GENTE ACABA NÃO SE ACOSTUMANDO

O presente capítulo se subdivide em três partes, nas quais estão relatados dias distintos de visitação ao Conjunto Penal Feminino e as impressões de observadora, além de aprofundamento em temáticas pertinentes às discussões feitas em sala de aula do projeto *Corpos Indóceis e Mentis Livres*.

A frase que dá nome a este capítulo foi dita a mim por uma das mulheres da turma, se referindo à rotina triste e solitária da mulher encarcerada e à dificuldade de perpassar o sentimento de desconforto com essa solidão. Portanto, nada mais apropriado para nomear a apresentação das visitas ao universo dessas mulheres.

3.1 O muro pichado me avisou

A tarde do dia 24 de maio de 2018 foi o meu primeiro contato com o projeto *Corpos Indóceis e Mentis Livres*. Com o intuito de registrar o máximo que meus olhos e ouvidos pudessem captar de um primeiro contato, para elaborar melhor o enfoque do meu trabalho, decidi junto com a minha orientadora Tatiana que não faria entrevistas nesse momento, apenas um diário de campo.

Combinei com a Professora Denise de nos encontrarmos na Faculdade de Educação da UFBA às 13h30, onde eu a esperei para irmos juntas ao presídio. Enquanto a esperava, vi em um dos muros da UFBA a seguinte frase pichada: “Mulher negra é revolução!”. Um convite a um encontro com uma pequena, porém imensurável revolução que eu estava prestes a conhecer: a de uma mulher negra que utiliza sua posição de professora e intelectual para ensinar literatura a outras mulheres negras de um presídio, lhes emprestando um pouco da verdadeira liberdade.

No caminho do presídio, a professora Denise me situou na dinâmica do projeto e no que eu poderia esperar daquele momento. Conversamos também sobre o estigma que o(a) ex-presidiário(a) carrega para toda a vida e sobre as perspectivas e reflexões dela como militante atuante no sistema carcerário.

A oficina de literatura que eu fui presenciar funcionaria da seguinte forma: A professora Denise leria, com as mulheres, o texto “Sobre princesas e abolições: 130 anos de Lei Áurea”, da promotora de justiça do Ministério Público da Bahia Livia Vaz e discutiria em grupo a relação que existe entre o sistema escravocrata do século XIX e o sistema prisional brasileiro atual, para que as mulheres trouxessem ao próximo encontro uma produção textual que fosse fruto dessas reflexões.

Eis que chegamos ao presídio, eu e a professora Denise, para iniciarmos o encontro. Na entrada, deixamos nossos pertences com uma funcionária da recepção, entramos apenas com os cadernos e canetas. A professora Denise havia me pedido que não entrasse com celular ou qualquer outro objeto que não fosse estritamente o que iríamos utilizar.

O clima na entrada parecia descontraído, a funcionária que nos atendeu anotava nossos dados olhando os documentos enquanto cantava, e depois nos autorizou a ir até a sala de aula.

No corredor, passamos pela pequena biblioteca do Complexo Feminino, que tem o nome Mentis Livres. A professora Denise contou-me que o nome do projeto tem um pouco da história daquele ambiente. No ano 2000, no seu nascimento, o projeto se chamava apenas “Corpos indóceis”, fazendo referência ao termo “corpos dóceis” utilizado por Foucault em seu clássico *Vigiar e Punir*. “É dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado.” (FOUCAULT, 1987, p.126). Pode-se pensar então como ato de resistência, a negação do dócil no nome do projeto, poético e revolucionário como cada detalhe nessa história.

No ano de 2013 houve a inauguração desta biblioteca do Conjunto Penal Feminino e, junto com ela, um concurso para escolha de um nome. As mulheres que participavam do curso de literatura do projeto à época deram suas sugestões e a indicação vencedora foi “Mentis Livres”. Logo após esse momento, o projeto do curso de literatura passou a se chamar “Corpos Indóceis e Mentis Livres”, nada mais justo, segundo relato da professora para mim, que o nome do projeto também fosse, assim como a sua construção e significação, propriedade daquelas mulheres.

Entramos na pequena sala de aula do Conjunto Penal Feminino, eu como uma expectadora curiosa e entusiasmada, e ela com a sutileza de quem faz parte daquela realidade, mas, aos meus olhos, não parece perder o cuidado de se colocar sempre como uma visita que tem muito mais a aprender do que a oferecer, mesmo que pareça lhes dar seu mundo ao tocar suas vidas, porque aquilo é uma verdadeira entrega.

A sala é um ambiente cheio de gravuras nas paredes, com indicações de treinos de alfabetização, o que me fez perceber que aquela era a mesma para os cursos das presas que estavam aprendendo a ler, que não são as mesmas do projeto Corpos Indóceis e Mentis Livres. Um lugar, portanto, que era o cenário de diferentes pelo saber, diferentes encontros com a leitura e escrita, cada um com seu significado, porém aliados da mesma luta.

Enquanto Denise arrumava a sala foram chegando as mulheres, aos poucos. Com suas fardas cor de laranja e suas pastas com os materiais da aula em mãos. Notei que não havia me preocupado com o mais importante: Como elas me receberiam. Seria desconfortável ter a presença de uma estranha? A primeira a chegar veio em minha direção e me deu um abraço, para colocar a minha mania de querer prever as coisas onde ela deveria estar: fora daquela sala. Porém não foi assim com todas, percebi uns olhares desconfiados e ouvi os sussurros: “Professora, quem é essa? ”, vindos de algumas quando me avistaram sentada.

A professora Denise me apresentou como aluna da UFBA, membro do estágio da Defensoria Pública do Estado da Bahia e tranquilizou a todas sobre as minhas intenções de estudo e contribuição.

Éramos nove mulheres naquela sala. Algo que me chamou a atenção foi a diversidade daquele pequeno universo. Há diversidade geracional, algumas muito novas, outras com mais de 40. Algumas se arrumam com penteados e batons, duas usavam batons vermelhos escuros. Tão diversos também eram seus biótipos, mas, me surpreendi com a quantidade considerável de mulheres brancas ali presentes, considerando o perfil da população carcerária brasileira.

E sobre isso é necessário ser feito uma leitura de suma importância para contextualizar este e qualquer outro trabalho que pretenda analisar, sob qualquer perspectiva, a vida na prisão: a questão racial é intrinsecamente ligada ao fenômeno do encarceramento, não há como estudar um sem contemplar o outro. Sobre a seleção das presas para o programa Corpos Indóceis e Mentis Livres, como existe um limite muito pequeno de quantidade de encarceradas em sala de aula, estabelecido pela organização interna da unidade prisional, é preciso que haja algum tipo de filtro. Uma das solicitações feitas pela coordenação é que sejam presas sentenciadas, visto que a participação no projeto confere o benefício de remissão de pena. Ocorre que, mesmo não sendo exigência da coordenação do projeto, a unidade prisional seleciona mulheres já alfabetizadas para estas aulas de literatura. Ocorre que, pode-se notar que estranhamente, em dissonância com o sistema carcerário como um todo, inclusive com a população daquela própria unidade, nas aulas desse projeto a predominância não é de mulheres negras.

Fica a indagação se isto se deve ao filtro do requisito de alfabetização, e então a constatação é de uma óbvia, porém sempre dolorosa conclusão de que a educação no Brasil é um direito que é efetivamente garantido aos brancos, majoritariamente, por questões socioeconômicas. Ou, se existe um outro filtro na escolha dessas participantes

pela equipe da unidade prisional, e eu não me arriscaria a dizer que por motivos pessoais, mas sim, talvez, pelos rótulos atribuídos a estas mulheres, em razão de sua cor de pele, de lugares de pertencimento na sociedade. O estigma que persegue a mulher negra e que é real, de uma posição sempre inferior em diversas perspectivas, a dificuldade da sociedade em enxergá-las como seres intelectuais porque a sombra da escravidão as persegue incansável e cruelmente.

A professora organizou as cadeiras formando um círculo e colocou a sua cadeira junto com as outras, deixando a sua mesa e a posição de distanciamento das salas de aula convencionais para trás. Esse foi apenas um dos vários discursos silenciosos de aproximação daquela professora com as encarceradas, uma relação que à primeira vista já se nota que é de muito respeito e empatia, e de admiração delas para com ela e vice-versa.

A leitura do texto já havia começado e duas daquelas mulheres pareciam não estar ainda envolvidas na atividade. Pude observar nas mãos de uma delas algumas fotografias reveladas, não pude ver detalhes mas imagino que fotos de familiares ou pessoas de fora. Aquilo me desestabilizou emocionalmente. Em verdade, foram alguns os momentos em que isso aconteceu naquela tarde, toda vez que alguma atitude ou fala delas me lembrava o quão duro deve ser uma realidade afastada de tudo e todos, num ambiente indigno e sem qualquer perspectiva de melhora.

Sobre aquelas duas mulheres, elas eram as mais distantes do grupo, que não participaram muito da dinâmica. Esmeralda Ribeiro, essa mais comunicativa, disse sobre elas: “Alguns policiais acham que elas são malucas, mas elas são mais de observar!” O que me fez refletir sobre os processos de reação do indivíduo ao encarceramento, será que elas “são mais de observar” ou algo naquela trajetória tirou suas forças de reagir àquela realidade? Até que ponto se pode traçar o perfil de alguém tendo como base a experiência do encarceramento?

Por muitos momentos durante a dinâmica de leitura, a professora, que conduzia a atividade, parava para escutar uma história que alguma mulher trazia sobre sua experiência de vida, ou opinião sobre o assunto, e só retomava a leitura quando a pessoa terminava de expor, mesmo que acabasse entrando em outro tópico. Dar a voz, não pretender prever produtividade de uma maneira engessada e dar a devida importância ao momento de construção de subjetividade da outra mulher, ao desabafo ou indagação. Permitir a totalidade de um momento de exposição de opinião, o que certamente acontece tão pouco no dia a dia da mulher encarcerada.

O texto escolhido pela professora Denise para a oficina traz os marcos históricos do processo de manutenção da escravidão no Brasil e da luta pela abolição. Algumas das presas leram partes do texto, quando a professora solicitava, e comentavam suas impressões de cada trecho. Uma parte bastante discutida comentava que a Lei Áurea se omitiu em relação ao destino dos (as) escravizados (as) depois que fossem postos em liberdade.

A tão esperada lei silenciou: nenhuma palavra quanto ao destino dos libertos! Estes não receberam qualquer tipo de reparação, apoio ou recurso pelos quase 400 anos de trabalho forçado, sob tortura e opressão. Ao contrário, tentou-se a indenização aos ex-senhores de escravos... (VAZ, 2018)

A professora Denise suscitou o debate: “A lei decreta o fim da escravidão: soltem os escravos. E aí?” Foi quando Miriam acrescentou: “Para ir para onde? Comer o quê? Que nem estavam reclamando naquela época da lei de Dilma para as empregadas domésticas, porque sabiam que teriam de pagar a mais pelo serviço delas!” Achei interessante a conexão que ela fez da escravidão com a mulher empregada doméstica brasileira, o que mostra como é nítida a relação entre duas realidades, ou os sujeitos protagonistas das mesmas.

Outra presa, chamada Carolina Maria, trouxe uma reflexão interessante, quando abordou as dificuldades encontradas quando saem do sistema prisional, por já ter vivido essa transição anteriormente. Ela relatou que a prisão causa um nível muito grande de bloqueios, como o pânico ao atravessar uma rua ou ao procurar sua antiga residência, ao precisar arranjar emprego, dentre outros. Correlacionando com o que havíamos acabado de ler sobre os escravos recém-libertos, que muitas vezes se sentiam perdidos, com medo de não conseguirem sobreviver sem recursos suficientes.

Quando se fala em recursos não se está se restringindo ao aspecto financeiro, de que muitos escravos depois de libertos ainda tinham dívidas monetárias para com os senhores de engenho, além de nenhuma experiência com outro tipo de trabalho senão a lavoura, e, por isto, não conseguiriam prestar outros serviços. Como também, o recurso da independência funcional, da habilidade com a vida em sociedade. Portanto, a liberdade concedida nada tinha a ver com independência, com dignidade, e muitos daqueles escravos pediam para continuar nas fazendas dos seus senhores.

Carolina Maria contou uma breve história sobre uma amiga que dizia não querer sair da prisão, porque já não saberia viver em liberdade com tantos desafios como ter o que comer e dar de comer aos seus filhos. Marcante foi a aflição que senti ao ouvir aquilo, porque tem algo de muito errado com uma sociedade que faz um(a) presidiário(a) não

querer a liberdade, e isso chama a discussão sobre a realidade que o estigma de encarcerado cria, como se não já fosse problemático o suficiente pertencer a uma minoria racial, no Brasil. No fim da história, Carolina disse que a justiça a tranca na cadeia, mas não lhe dá condições dignas de sobreviver e é como a escravidão.

Durante a oficina houve mais alguns pontos trazidos por aquelas mulheres que considero de enorme importância para o assunto, como por exemplo as exposições de algumas delas durante o debate que surgiu sobre privatização dos presídios. Estávamos a concluir que o sistema prisional é lucrativo, assim como era a escravidão. A professora Denise pontuou que tanto as roupas dos(as) detentos(as), quanto as comidas, por exemplo, são maneiras de lucrar dentro daquele sistema, que precisa de mais pessoas presas, para aumentar o seu consumo. Foi neste momento que uma daquelas mulheres, dona Evaristo, disse que o trabalho delas lá dentro enriquece o presídio e não lhes dá nenhum retorno significativo. “A gente trabalha pela nossa hospedagem. ”

Este primeiro encontro com o projeto *Corpos Indóceis e Mentis Livres* trouxe à tona algo de que a sua fundadora fala no seu livro “Técnicas e políticas de si nas margens, seus monstros e heróis, seus corpos e declarações de amor”, que é a “escrita de si” no cárcere, quando ela se apropria de Michel Foucault para explicar o exercício da escrita como forma de manutenção dos pensamentos e reativação de memórias para enfrentar o real e trabalhar o domínio sobre si diante dos acontecimentos. Denise sugere um olhar corajoso sobre o encarceramento quando fala de algo que se desenhou no meu imaginário como um espelho em frente ao sujeito encarcerado.

O “si” do olhar do sujeito encarcerado para si mesmo passa a constituir uma unidade complexa, formada por aquilo que resta de “mim” quando absolutamente despido de tudo que me fazia significar como sujeito e, ao mesmo tempo, por aquilo que sempre estive em “mim” e que, entretanto, eu não conheço, a minha “substância”. O isolamento carcerário pode, assim, instaurar um movimento de aproximação com esse espaço de imaginária interioridade, chamado, entre outros epítetos, de “alma”. (CARRASCOSA, 2015, p.125)

A visita me lembrou essa parte do livro porque, de certa forma, essa escrita/leitura de si já foi capturada antes mesmo que eu pudesse ver as suas produções textuais. Em suas falas sobre si mesmas e sobre companheiras de cela (o que simboliza também um autorretrato), elas deixam transparecer um estigma que se apensa nos seus corpos assim que entram na prisão: o estigma da mulher encarcerada, uma imagem distorcida do que são, principalmente, como mulheres. Uma rotulagem que também é carregada de culpa, carregada de responsabilização pela realidade em que se encontram, quando dizem, por exemplo, que a colega de cela que não está presente na aula não quer ser ressocializada, não quer escolher o caminho que dignifica.

Este tipo de reflexão transparece a culpa, que existe de si mesma e se projeta na colega encarcerada, que se auto responsabiliza pela vida indigna que leva no cárcere e abstrai a realidade, focalizando no crime que cometera, na legalidade da medida punitiva do Estado, sem problematizar a responsabilidade do Estado de prover dignidade àquele ambiente. O catalizador da culpa é um expoente da misoginia e não pode ser analisado por outro viés.

Analisar essa culpa com o recorte da mulher encarcerada é ainda mais complexo, pois faz parte de uma discussão que não é institucionalizada, não é permitida ou cultivada, que é como um pacto invisível de silêncio que existe para manter as coisas como estão, dando lucro a quem sempre deu e fortalecendo um discurso que sempre existiu, sobre marginalização do negro, sobretudo da mulher negra, sobre fabricação de falsos vilões.

Aquela tarde me deu ingrediente e ânimo para mergulhar no universo da literatura prisional feminina e, sobretudo, acendeu uma centelha de propósito de futuro para mim, como profissional do Direito. Porque sei que preciso, devo e quero ir além de minhas atribuições profissionais e ir em busca de uma atuação militante, assim como faz Denise.

A experiência do sistema prisional brasileiro denuncia um projeto de sociedade falho, que necessita de ser reelaborado, o que só será possível com a ajuda desses(as) aliados(as) que oxigenam a luta pela emancipação dos direitos humanos. Isso tudo vai muito além de consciência política e social, eu chamo de missão de vida. Ver aquela mulher se doando para outras mulheres e contribuindo do seu jeito com a construção de uma realidade mais digna dentro do cárcere, olhar para aquela sala pequena e a enxergar como um embrião de esperança, marcou o início desse estudo com muitas emoções.

3.2. De que cor são teus olhos?

A minha segunda visita ao Conjunto Penal Feminino para observar a aula de literatura foi na tarde do dia 28 de junho de 2018 e contou com um novo cenário. Desta vez, além de mim e da professora Denise, haviam mais duas alunas da Faculdade de Direito da UFBA, que solicitaram participar da visita para fins também acadêmicos.

Ao chegarmos ao Conjunto Penal Feminino, fizemos a entrega de objetos pessoais na recepção, como de praxe, e fomos para o andar superior para que a professora apresentasse às outras alunas algumas funcionárias que forneceriam dados do Conjunto Penal para a pesquisa que elas estavam produzindo.

Na conversa que presenciei, foi comentado por uma das alunas que existia um interesse em fazer doações àquele unidade e perguntado o que podia ser levado. A

funcionária sugeriu produtos de higiene pessoal e atentou para a exigência de serem produtos coloridos. Sabonetes, por exemplo, não poderiam ser da cor branca, pois existe, segundo ela, um costume entre as presas de fazer pequenos buracos na parede para guardar objetos pessoais sigilosos por algum motivo e fechar estes buracos com sabonete branco, fingindo reboco.

Elas também sugeriram doação de produtos de beleza como esmaltes, batons, cremes de cabelo, dentre outros, e eu me lembrei como uma das coisas que mais me tocaram na primeira ida à aula de literatura foi a maneira como algumas das presas se arrumam no dia a dia, após meses e muitas vezes anos de encarceramento, a relação com sua “visão de si”, imagem e autoestima ainda resiste.

Quando sugerido pela aluna visitante que elas mesmas perguntassem diretamente às presas o que gostariam de receber como doação, a funcionária retrucou “elas vão dizer que precisam de tudo”. Este foi um momento de silêncio, me fez lembrar dos relatos das próprias presas no último encontro sobre as condições de vida ali, principalmente da comida. Imagino que algumas tenham sido tocadas, assim como eu, pela dureza daquelas palavras. Dureza essa que contrasta com o pequeno oásis de esperança que estávamos ali visitando, que é a sala de aula.

A ilustração desse contraste é feita por este trecho do livro “Presos que menstruam”.

Quando tomam banho ou fazem suas necessidades, se as celas já estiverem trancadas, elas são obrigadas a fazer isso uma diante da outra. Certa vez, uma das celas tinha uma grande quantidade de fezes no vaso, ao mesmo tempo em que frutas eram descascadas na mesinha. O cheiro era nauseante. A moradora do local, porém, parecia estar habituada, talvez devido aos constantes problemas de hidráulica do presídio. [...]. Os corredores centenários são escuros, úmidos e frios. Mas, na biblioteca, Érica e as outras continuam encontrando romances de finais felizes – e com palácios sem infiltração. (QUEIROZ, 2015, p.97)

Quando demos início ao encontro daquela quinta-feira, fomos nos sentando enquanto as mulheres entravam na sala. Escolhi a mesma cadeira da outra vez. Alguns rostos reconheceram meu rosto e vice-versa. Existiu aquele pequeno lapso de identificação momentânea, e, da minha parte, algumas lembranças do encontro anterior. Éramos dez mulheres na sala de aula. Além de mim e da professora, estavam as participantes do projeto e duas alunas da UFBA visitantes. A professora Denise me reapresentou ao grupo e apresentou as novas visitantes, nos colocando novamente como estudantes da UFBA e advertindo às encarceradas do nosso comprometimento com aquele contrato invisível de respeito ao sigilo das suas identidades e intenção acadêmica do encontro.

A dinâmica de leitura da oficina daquele dia foi com base no livro “Olhos D’Água”, da escritora negra mineira, atual candidata em 2018 à Academia Brasileira de Letras,

Conceição Evaristo. Conceição, como contado naquele mesmo dia pela professora Denise Carrascosa, foi uma forte voz política de luta pela manutenção do projeto *Corpos Indóceis e Mentis Livres* quando, em 2017, teve sua permanência ameaçada no Conjunto Penal Feminino de Salvador.

O livro escolhido é um livro de contos e tem uma linguagem poética, fazendo ao longo do seu enredo, um ritual totalmente sincrônico de passado e presente. Fala sobre a significação da imagem materna traduzida pela angústia da autora ao não conseguir se lembrar da cor dos olhos da sua mãe. Conceição Evaristo traduz uma realidade de pobreza e simplicidade da sua infância, sempre protegida pela mãe, que tinha, além dela, outras seis filhas. A professora Denise fez a leitura de um material impresso de parte da obra em voz alta, e, desta vez, leu até o fim sozinha para então depois abrir a discussão ao grupo.

A autora, que havia deixado a sua cidade natal e família em busca de uma vida mais digna, se questiona: “Mas de que cor eram os olhos de minha mãe?”, palavras evocadas durante toda a obra como um mantra. Após finda a leitura, a professora Denise perguntou às mulheres da sala, uma a uma, incluindo as visitantes, de que cor eram os olhos de suas mães. Uma dinâmica forte e cheia de significação, porque a realidade do cárcere certamente torna as lembranças de família um espaço difícil de acessar e principalmente porque as presas deram ao momento uma conotação poética e emocionante.

Denise em um ritmo acelerado pontou os dedos para cada uma ali, com a pergunta: “De que cor são os olhos de sua mãe?”, como se tivesse pegado um único e grande fôlego para aquela sequência de respostas tocantes que, talvez, por algum motivo, ela já sabia que seria forte. A primeira respondeu “cor de saudade” e as outras respostas, quebradas por poucas objetivas como “castanhos”, se alternaram entre “cor de saudade” e “cor de tristeza”. O mais interessante é que nada na pergunta da professora pressupunha uma abstração, e isto foi posto naquela dinâmica pelas próprias presas.

As outras duas estudantes visitantes responderam as cores dos olhos das suas mães com palavras “objetivas” como “pretos” e “da cor dos meus”, mas, quando chegou a minha vez, precisei dar continuidade ao padrão de respostas daquelas mulheres e respondi: “cor de luta”. O ponto crucial dessa dinâmica foi perceber que, de acordo com aquelas respostas, os olhos das mães têm a cor que reflete a dor ou a luta que estejam associadas à situação de vida dos seus filhos, como se fossem termômetros dessa doação desmedida.

Uma parte daquele texto lido na entonação entusiasmada da professora Denise merece destaque. O trecho no qual a autora traz à narrativa lembranças de sua infância,

que teve gosto de fome, e as brincadeiras feitas pela sua mãe que amenizavam e aliviavam a realidade.

A mãe só ria de uma maneira triste, e com um sorriso molhado..., mas de que cor eram os olhos de minha mãe? Eu sabia, desde aquela época, que a mãe inventava esse e outros jogos para distrair a nossa fome. E a nossa fome se distraía. (EVARISTO, 2016, p.17)

As mulheres ali presentes reagiam de forma muito parecida àquelas palavras lidas. Algumas assentiram com a cabeça, outras fizeram alguns comentários sobre entender a situação descrita, por já terem vivenciado algo semelhante. Isso se explica pelo próprio significado de representatividade. Conceição Evaristo dá voz e vida a personagens negras, conta uma história em suas obras que é a história de outras tantas e recria um mundo que vive, principalmente na literatura, pelas margens.

Essa literatura contemporânea afrofeminina representada por Evaristo vem, principalmente na década de 80, numa corrente de força no Brasil denunciar uma cultura branca e colonial. Um marco da época é a obra “Cadernos Negros”, literatura que é um misto de denúncia e celebração da memória individual e coletiva da população negra, com participação da própria autora Conceição Evaristo. O recorte de gênero, todavia, evidenciado na obra de Evaristo é reflexo de uma construção de identidade da mulher negra no Brasil, marcada pela resistência e que tem na literatura o serviço prestado talvez de maior importância nessa conjuntura: Não silenciar esta voz.

E a literatura se presta ao serviço de dar a voz aos indivíduos silenciados pela violência e a marginalização a que foram submetidos pelo grupo hegemônico e detentor do poder na sociedade. Apesar de a representação do(a) negro(a) (re)velar personagens em situação de vulnerabilidade social e/ou vítimas do preconceito, a literatura contemporânea busca demonstrar o empoderamento por meio de ações afirmativas, sem deixar de denunciar os abusos historicamente construídos pela sociedade branca. (AZEVEDO e MELO, 2017).

A escrita da experiência de vida, a “escrivência” (EVARISTO, 2005), é o estilo com o qual a escritora Conceição Evaristo dá forma a uma história contada por outra perspectiva, diversa da hegemônica, onde a mulher é protagonista e dona da sua realidade. Este estilo de escrita dialoga diretamente com a dinâmica do projeto *Corpos Indóceis e Mentes Livres*, no qual, como já trazido neste trabalho, as mulheres escrevem, após a roda de leitura e discussão em sala, nos seus ambientes sozinhas, textos sobre as suas realidades e memórias.

E, em se tratando de um ato empreendido por mulheres negras, que historicamente transitam por espaços culturais diferenciados dos lugares ocupados pela cultura das elites, escrever adquire um sentido de insubordinação. Insubordinação que pode se evidenciar, muitas vezes, desde uma escrita que fere as “normas cultas” da língua, caso exemplar o de Carolina Maria de Jesus, como também pela escolha da matéria

narrada. Nossa escrivência não pode ser lida como histórias para “ninar os da casa grande” e sim para incomodá-los em seus sonos injustos. (EVARISTO, 2007)

A escolha do livro “Olhos D’Água” pela Professora Denise é um ato político. A escrita de Conceição Evaristo é um ato político, para além da arte. O lugar dessas duas mulheres é um lugar de representatividade perante mulheres negras. Diante de uma experiência social de supremacia branca, Denise Carrascosa representa uma minoria na Universidade Federal da Bahia, onde negros(as) são apenas 2% do quadro docente, dentre os seus três mil membros, o que revela um quadro de racismo institucional, entendido aqui nos termos propostos por Stokely Carmichael (2018), que o distingue do racismo individual.

Para este debate sobre o racismo, é importante fazer uma distinção entre ambos os tipos: o racismo individual e o racismo institucional. O primeiro tipo consiste em atos abertos por parte dos indivíduos, com o resultado normalmente mediato da morte de vítimas ou da destruição traumática e violenta de propriedades. Esse tipo pode ser registrado em câmeras de TV e frequentemente observado quando é cometido. O segundo tipo é menos aberto, mais sutil, menos identificado em termos dos indivíduos específicos que cometem os atos, mais não é menos destrutivo para a vida humana. Trata-se da operação geral de forças aceitas e respeitadas na sociedade e, assim, não recebe a condenação aplicada ao primeiro tipo. [...] quando na mesma cidade – Birmingham, Alabama – não cinco, mas quinhentos bebês negros morrem anualmente por falta de alimentação, abrigo e instalações médicas adequados – e outros milhares são destruídos e mutilados física, emocional e intelectualmente devido às condições de pobreza e discriminação na comunidade negra –, esta é uma função do racismo institucionalizado. (CARMICHAEL, 2018, p. 17-18).

O lugar de representatividade é valioso, de modo que o seu discurso na universidade é um referencial para outras pessoas que pertencem a esta parcela da população.

Essa informação sobre a porcentagem de professores(as) negros(as) foi encontrada numa reportagem em veículo de comunicação de Salvador, publicada neste ano de 2018, na qual o Coletivo Luiza Bairros (Coletivo de políticas antirracistas da UFBA) elucida que “enegrecer” a Universidade Federal da Bahia “vai além de tornar negro, como indica o dicionário – significa uma alternativa para que mais pessoas negras ocupem o quadro docente, o referencial teórico, quadro de funcionários e de alunos, a fim de combater o quadro de racismo institucional.” (SOLEIDAD, 2018)

Partindo desses elementos, deve-se destacar a importância da preocupação de Denise Carrascosa, no projeto que coordena, em ter um referencial teórico de mulheres negras. Na mesma perspectiva, Conceição Evaristo dialoga sobre o reconhecimento tardio da sua obra, aos 71 anos, e a explicação racista deste fato, problematizando a questão do reconhecimento das escritoras negras no Brasil.

Evaristo faz parte do grupo de escritores(as) que produzem uma literatura marginalizada, com linguagem cotidiana das favelas, de onde vem um discurso que elabora um projeto de resistência às heranças coloniais. A escolha do conto de Conceição Evaristo

para a aula é ato político associado à resistência das mulheres negras dentro de uma prisão.

Outra perspectiva a ser observada no conto “Olhos D’Água” é a temática da ancestralidade feminina, a figura da mãe e sua função na vida da filha. Sobre isto, contextualizando no cenário desta aula que observei, cabe a reflexão: A prisão interdita essa função? Essas funções, melhor dizendo, de ser mãe e de ser filha. Sobre isso me vem uma memória recente da leitura do livro “A Visibilidade do Invisível”, de textos produzidos por mulheres condenadas e em cumprimento de pena privativa de liberdade de Minas Gerais. Lavínia, como preferiu ser chamada uma das presas do projeto, decide usar o seu momento como escritora para dar a voz ao sentimento de tristeza que representou se afastar da sua mãe, quando foi presa. O texto se chama “A divina bênção materna”.

A minha mãe pegou a minha mochila e com uma tonalidade baixinha de voz me dizia: “filha, vai com Deus e tem FORÇA, FÉ e ESPERANÇA. Eu sei que um dia virei te buscar, da mesma forma que estou te trazendo.” A partir desse momento, tomei a direção no sentido da entrada do tal portão e não tive coragem de olhar para trás e, muito menos, tomar aquela divina bênção da minha mãe. Mesmo de costas, senti o véu da paz cobrindo-me, parecendo até mesmo que ela estava me abençoando à distância. [...] O pior momento foi quando aquele portão fez bloomm.... Percebi que não tinha mais como eu voltar atrás e tomar a bênção da minha mãe. No mesmo instante, eu me senti a pior mulher desta terra e fui entregue à diretoria da “Casa Rosa”. (MATTOS, 2006, p. 63)

Nesse livro, fruto de um trabalho feito em uma penitenciária de um dos maiores centros urbanos do Sudeste, são capturadas de imediato diversas semelhanças com o projeto sobre o qual este trabalho se debruça. Em destaque, a situação do encarceramento e seus desdobramentos psíquicos e emocionais, de resignificação de uma identidade. No trecho acima destacado, pode-se notar a força do papel materno na vida de uma mulher, além dos elementos religiosos e simbólicos de qualquer natureza, que legitimam essa conexão e significam essa relação, que também são constantemente encontrados nos textos de Conceição Evaristo.

A função mãe/filha, nas suas duas direções, que marca a narrativa de Conceição Evaristo no conto “Olhos D’água”, é apenas uma das diversas vertentes completamente particulares do ser feminino e interrompidas bruscamente pelo encarceramento.

Esta minha segunda visita ao Conjunto Penal Feminino também foi marcada por um segundo momento, após a roda de leitura e debate do texto trabalhado, no qual a professora Denise, ao meu pedido, solicitou a algumas das presas que aceitassem minha proposta de entrevista. Antes de chegar ao Conjunto Penal, eu havia solicitado à professora um espaço de tempo para essa experiência e falamos, dentre outros assuntos, sobre quais materiais

seriam permitidos utilizar na entrevista, sobre os critérios de seleção para eleger as entrevistadas.

A professora Denise, sabendo da natureza e objetivo do meu trabalho, sugeriu que eu entrevistasse especificamente duas daquelas mulheres. Uma, por já ter bastante tempo naquele contexto, tendo participado de uma outra edição do projeto. A outra, por trabalhar na biblioteca do Mentis Livres e ter uma familiaridade maior com aquele universo literário. Segui então a sua orientação e, ao final da aula, conversei com cada uma delas, o que será pormenorizado no capítulo seguinte destinado a tratar das entrevistas.

3.3 “Alice está morta”?

A visita do dia 19 de julho de 2018, sempre outra quinta-feira, tinha o propósito de concluir uma entrevista da encarcerada Maria Firmina dos Reis, que havia sido interrompida no outro encontro.

Maria Firmina foi minha saga interminável. Aliás, tardiamente terminada, no dia 26 de julho de 2018, e os motivos das interrupções dessa entrevista serão apontados no capítulo quinto. Por hora, o foco da atenção é para outra mulher: Alice.

Alice é a personagem de um conto da escritora Miriam Alves, chamado “Alice está morta”, e escolhido para ser o material da aula daquela quinta. A professora Denise teve pouco tempo para contar Alice às suas alunas, por causa de alguns imprevistos na recepção do Conjunto Penal Feminino.

Ao chegarmos à unidade, fomos surpreendidas com um quadro de novas funcionárias na portaria. Aquelas novas funcionárias que estavam na recepção quando chegamos não conheciam a professora Denise Carrascosa e pareciam não estar familiarizadas com o procedimento de entrada.

Naquele dia também tivemos visita, desta vez, de uma estrangeira, Victória, que não portava seu passaporte, o que era sua única documentação. As funcionárias perguntavam umas às outras como fazer com a situação da estrangeira, ao mesmo tempo em que procuravam saber também como autorizar a entrada da professora, o que criou uma atmosfera muito confusa.

Nesse dia eu havia levado algumas doações de absorventes, esmaltes e produtos de cuidado pessoal, que havia planejado na semana anterior, quando soube das necessidades das internas. Isto pareceu se tornar uma outra complicação, porque o procedimento de checagem do material, apesar de a professora sugerir que fosse feito em outro momento, com o rigor que elas precisassem, acabou sendo mais um motivo de atraso para a nossa

entrada. Enquanto isso, as funcionárias da coordenação de atividades, que saberiam como encaminhar aquele procedimento e inclusive conhecem a professora, estavam em reunião. Até mesmo a lista de frequência do curso de literatura demorou de ser encontrada.

A professora Denise pedia compreensão àquelas pessoas, principalmente quanto ao atraso gerado pela revista das doações, já que o tempo estava passando e as encarceradas estavam a aguardar a aula começar, que não seria estendida, porque o horário de recolhimento das mulheres é inadiavelmente às 16h.

As agentes penitenciárias iam de um lado a outro, aparentemente perdidas, em busca de informações e à procura da lista de presença que, estranhamente, ainda não havia aparecido. Uma delas subiu, desconfio que para o local onde superiores lhe dariam informações para nos direcionar, e desceu perguntando: “Professora, o curso é de que mesmo? Literatura?” Estava tudo bem confuso e não se explicava muito bem o porquê. Até que Denise solicitou com mais veemência que interrompessem a checagem das doações e a liberassem para entrar, porque o tempo corria ao nosso desfavor.

Quando finalmente entramos, a professora Denise percebeu que a sala de aulas ainda estava fechada, nos deixou, eu e Victória, em frente à sala e foi buscar auxílio. Enquanto isto, Victória e eu conversávamos sobre essa situação, em inglês, já que ela não domina a língua portuguesa. Victória é uma artista plástica nigeriana, imigrante, que reside em Nova Iorque, e está a passar uma temporada em Salvador, tendo conhecido a professora Denise na UFBA.

A visita de Victória deu um toque de crítica e reflexão para aquela tarde. Naquele momento, à espera de Denise, ela me questionou sobre meu tema de pesquisa. Depois que eu expus, ela perguntou qual a perspectiva do Direito dessa temática, qual o meu interesse como profissional do Direito. E isso foi interessante, porque me vi tendo de explicar de um outro jeito, uma das questões cruciais da escolha do meu tema de pesquisa: o desinteresse de boa parte do campo jurídico por questões que tangem a construção da subjetividade, a produção artística, assuntos que se relacionam com a dignidade da pessoa humana, numa determinada ótica, não se restringindo a uma abordagem do Direito como algo limitado ao aparato legislativo e judicial.

Victória ficou assustada quando eu falei dessa realidade. E fazia indagações dessa natureza: “Mas não foram as leis que às puseram aqui? Como isto não seria do interesse efetivo do Direito?” E ficou mais surpresa ainda quando lhe relatei toda a dificuldade que tive em selecionar, dentro do curso de Direito da Universidade Federal da Bahia, nomes de professores(as) que enxergassem a importância e pertinência do tema – falar de literatura

e poesia para analisar o sistema prisional – porque muitos(as) ali poderiam afirmar que o tema não é jurídico.

É interessante ter de explicar essas questões a uma estrangeira, pois a observação das suas reações revela a perplexidade com o descaso com a situação carcerária brasileira, dentre outros assuntos conversados com Victória enquanto estávamos a caminho daquele presídio, como por exemplo as porcentagens de negros(as) nos corpos docentes e discentes das universidades locais, porque são assuntos que acabam se naturalizando no nosso cotidiano, esmaecidos pelos véus do racismo institucional e estrutural.

Quando a professora Denise finalmente retornou com a chave da sala e já na companhia de algumas das encarceradas, ela foi rapidamente tentando estabelecer o ambiente de leitura, para que não se perdesse mais tempo da atividade. Distribuiu o material para todas as mulheres, incluindo suas visitas, e, após cumprimentar todas as participantes do projeto, deu início à explicação da dinâmica.

O conto “Alice está morta”, da poeta e dramaturga paulista Miriam Alves, que foi escolhido pela professora para aquele encontro, demora a ser digerido. Talvez porque, propositalmente, seu conteúdo de violência foi amordaçado até as últimas frases, quando tudo vem à tona de uma vez, fortemente. É certo que o relacionamento contado ali nada tem de convencional, ou de romântico, mas a violência, essa segue no não dizer. O grande diferencial dessa narrativa é que ela não é feita por Alice, e sim, pelo seu companheiro.

Informação central: Alice é mulher negra. Chamada algumas vezes pelo narrador de boneca negra de pano. Boneca não tem vida. Assim o conto se desenvolve, no qual Alice não fala, só murmura. O narrador morava no mesmo cortiço, era vizinho, depois se juntaram na mesma morada. Conta que cuidava de Alice quando ela bebia, fumava e cambaleava pelas ruas.

Pela narrativa do companheiro, por vezes o(a) leitor(a) poderia pensar em agradecer-lo, por cuidar de Alice, mas aquele relacionamento era nocivo e, desde o início, muito estranho. Ele dizia não a amar, estar ali por hábito, fazer sexo sem o menor entusiasmo, até o dia em que a matou. A violência contada por Miriam Alves de forma poética é toda despejada junto com Alice pela ribanceira do lixão. Alice estava morta. Não disse nenhuma palavra até o fim daquele conto.

Começou a esmurrar-me. Exigia suas alegrias de volta. Arranhou-me o rosto na altura da barba recém escanhoadada. Doeu. Doeu mais não ter o que ela pedia. Não havia nem pra mim. O poço estava seco. Tinha apenas para continuar acordando, dormindo, trabalhando, tomando cerveja no dia do pagamento. Resisti à uma lágrima. O ódio brotou. Nossas esperanças soterradas sob o monturo de dejetos urbanos. Olhei a madrugada. O dia se anunciava. Alice agora gritava. Solucei com

ela. Eu a ergui ao céu. Depois, para o fim da rua, a ofereci a Exu, a sacudi para a direita e para a esquerda do meu corpo. Saudei Omulu. Entre soluços, atirei-a ribanceira abaixo. Era segunda-feira. Ela se calou. (ALVES, 1998, p.142)

A estratégia poética de Miriam incomodou-me enquanto leitora mulher, que não compreendi sua intenção inicialmente. Fiz a leitura inquieta esperando que Alice falasse alguma coisa. O que se sabe de Alice são seus defeitos, seu exagero na bebida e cigarro, sua desordem. Quando o narrador finalmente se arrisca a elogiá-la, fica a parecer mais que está elogiando a si mesmo, por ser capaz de amar Alice apesar de tudo. Por fim, depois de assassinar Alice, ele diz que ela se calou, mas, em verdade, naquela narrativa ela nunca teve voz.

Esse conto trágico de violência doméstica vem propor a reflexão sobre o apagamento violento da voz da mulher negra, sobre as suas dores que acontecem intimamente e estão ligadas a uma solidão com a qual convivem desde quando nascem, produto do racismo institucional e estrutural. Traz a reflexão também sobre suas denúncias de violência nos relacionamentos, que são silenciadas de todas as formas, inclusive institucionalmente pelos agentes do poder público que constroem mecanismos eficazes de proteção, até que aparecem mortas pelos seus companheiros.

Quando terminou de ler o conto, a professora Denise indagou às mulheres: “Alice está morta?” Aos poucos, foi reconstruindo a narrativa e explicando a proposta da autora ao silenciá-la. Dona Esmeralda, sempre participativa, falou de suas impressões. Ela disse haver notado que o rapaz não amava Alice. Disse que já havia experimentado um relacionamento sem sentimentos, “arrastado”, por conveniências. Outra integrante, Maria, disse inconformada, com um tom de ironia: “Desde o início isso já estava ladeira abaixo!” Foi quando a professora a questionou o porquê dessa declaração e ela acrescentou: “Ele diz várias coisas, diz que nunca morreu de amores”.

No início da aula, não éramos muitas, aos poucos, a sala foi sendo preenchida. Em meio à leitura, chegaram duas mulheres muito parecidas, Alzira e Cidinha, que logo percebi serem gêmeas. Alzira, quando solicitada a participar da conversa, disse que estava “com a mente perturbada”. Então houve naquele momento uma pequena pausa. Denise a chamou para outra cadeira, onde ofereceu massagem nos seus ombros e cabeça. Resistente, Alzira disse não precisar, depois cedeu, sentou e ficou a receber a massagem e a sorrir. Enquanto isso, Denise continuava a conduzir a conversa, que fora do conto de Miriam aos longos relatos de Dona Esmeralda.

Quando a professora finalizou o debate sobre o texto, pediu que aquelas mulheres contassem suas experiências de vida, exclusivamente histórias dos seus relacionamentos

amorosos. Uma a uma foi contando de amores. Cidinha, bastante tímida, disse só amar o seu filho, depois de provocação amigável de dona Esmeralda, a incentivando a contar de seus namorados.

Nesse momento, quando questionada pela professora sobre onde estaria o seu caderno, Cidinha contou que haviam sido confiscados, o seu e o da sua gêmea Alzira. Considerei aquilo bastante curioso. Os cadernos daquela turma são todos comprados com as verbas da própria coordenadora do projeto. São materiais simples, de capa dura e sem espiral, entregues às encarceradas com pastas e lápis. O motivo da apreensão dos materiais não ficou claro, visto que seriam idênticos aos das outras. Aquele fato me intrigou.

Voltando aos relatos, outra integrante da turma, Conceição, contou uma história bem curiosa, do relacionamento com o pai de sua filha. Ele mora em Recife e hoje já se relaciona com outra pessoa, porém, ela ainda não se divorciou dele. Conta que este rapaz já a fez ir até Recife algumas vezes assinar o divórcio, mas, sempre na mesa de audiência, desiste. Ela disse que agora não vai mais se ele chamar e que, caso decida pelo divórcio, ele entre com o litigioso. Mas ela conta isso rindo e diz nutrir um carinho por ele. Fala que utiliza o orelhão do Conjunto Penal para se comunicar com ele com uma certa regularidade.

Beatriz, quando da sua vez, contou que namora há 11 anos o mesmo rapaz, que também está preso, no complexo ao lado. A professora questionou sobre a frequência dos seus encontros, e ela respondeu que são de mês em mês. Também questionou, dizendo não ser preciso responder, caso não se sentisse confortável, se ela estava presa por algo que se envolveu por conta do relacionamento com ele, e ela disse que sim. Mas a professora não perguntou qual o delito nem mais nenhum detalhe do fato, apenas se ateuve a dizer: “Sempre isso, né?”, com um semblante triste, possivelmente se referindo ao índice elevado de encarceramento feminino nos últimos anos, a partir de 2006, com o recrudescimento da legislação repressiva ao comércio varejista de substâncias psicoativas e a criminalização das mulheres motivada por seus relacionamentos amorosos.

Isso remete aos achados de pesquisa de Amanda Veiga Santos, numa monografia de conclusão de curso apresentada à Faculdade de Direito da Universidade Federal da Bahia, que indica

A compreensão do padrão de afetividade entre homens e mulheres, as formas de sociabilidade e os processos de interação social em que as mulheres se inserem são fundamentais para entender como ocorre a criminalização. Observa-se que a afetividade implica tanto na motivação da inserção da mulher no mercado varejista de entorpecentes quanto na seleção criminalizante pela manutenção da relação amorosa. O discurso jurídico, no entanto, desconsidera a dimensão subjetiva que acarreta a criminalização de mulheres, pautando sua interpretação em

pressupostos lógicos e objetivos, descartando a influência dos papéis de gênero. (SANTOS, 2016, p. 47)

Como dito no início desta seção, a aula daquele dia foi curta, por motivos de dificuldade ao adentrar a unidade. Ao final dos relatos das mulheres, a professora solicitou que, para a atividade a ser entregue no próximo encontro, elas preparassem um texto que contasse a história de um relacionamento amoroso, que podia ser vivido ou inventado por elas, mas que tentassem utilizar a estratégia de escrita de Miriam Alves no conto “Alice está morta”, e pusessem como narrador da história alguém que não fosse a mulher. Esse narrador podia ser o companheiro, a mãe, um filho, qualquer pessoa.

Enquanto nos despedíamos das presas, Victória nos pediu que, em português, perguntasse a elas que tipo de atividade elas faziam em suas casas e comunidades que sentem falta dentro daquele espaço. Ela tinha a intenção de trazer, de uma próxima vez, caso fosse permitido, instrumentos que viabilizassem algum tipo de atividade. Quando traduzi para as mulheres, os olhares se perderam em pensamentos, e ninguém se arriscou a responder, até que Beatriz falou: “dançar!”. Victória achou interessante, perguntou se mais alguém tinha outra sugestão, e alguém falou “pintar”. Fui embora dali pensando em como a arte ainda simboliza, em um momento de privação de diversas liberdades, “estar em casa”.

4. CONVERSANDO COM ELAS

No dia 28 de julho, na chegada ao Conjunto Penal Feminino, a professora Denise Carrascosa me orientou que só levasse para dentro da unidade caderno e caneta, além do documento de identificação, já que não são permitidos aparelhos celulares. Portanto, as entrevistas seriam registradas à mão, sem gravações.

Após a dinâmica de leitura e debate, a professora solicitou às duas mulheres que ela havia me sugerido entrevistar que me dessem alguns minutos de atenção. Eu havia levado os papéis do Termo de Consentimento, no qual contém explicações quanto à natureza do trabalho científico apresentado e quanto ao sigilo e respeito à identidade, para que elas lessem e assinassem, caso decidissem colaborar. É importante ressaltar que as duas mulheres entrevistadas deste trabalho, Esmeralda Ribeiro e Maria Firmina dos Reis, se autodefinem como mulheres negras.

4.1 Eu escondo bem a escritora, não mostro a vocês nem a mim

A primeira participante a aceitar a proposta de entrevista foi Esmeralda Ribeiro. Aquela senhora, sem dúvidas, é combustível de muitos dos encontros do projeto. Já participou de duas edições do *Corpos Indóceis e Mentis Livres* e, segundo a coordenadora Denise, tem uma alma de artista, o que é imediatamente notado em um breve encontro.

Dona Esmeralda aceitou conversar comigo e, para introduzir a nossa entrevista, pedi para que ela me contasse como era a sua rotina. Expliquei que gostaria de lhe olhar nos olhos o tempo inteiro, mas, por impossibilidade de gravar aquelas falas, ela teria de dividir a atenção dos meus olhos com o caderno. Ela começou me dizendo: “é muito difícil a vida aqui dentro!”. Contou que os dias ali dependem do seu temperamento. Tem dias agitados e dias mais monótonos. Diz que limpa a sua cela para se distrair. Está sempre muito sozinha, pois não tem visitas, mas, acrescentou que a solidão lhe acompanha desde a sua vida fora do cárcere.

Sem que eu direcionasse, seu relato passou por vários aspectos da vida ali dentro. Disse que, às vezes, algumas pessoas a tratam mal. “Descarregam alguma coisa negativa em cima de você”, mas que também tem os momentos do culto e “o pessoal da igreja colabora”. Colabora também materialmente, porque, segundo ela, as presas que não têm visitantes recebem produtos de higiene corporal, por exemplo, de doações da igreja.

Sem perder o fôlego, do jeito enérgico que ela tem, foi contando de outras coisas da rotina, até que o assunto parou em saúde. Contou-me que fez exames em 2016 e os resultados deram negativos, o que significava que não havia nada de errado com sua

saúde. Até que, em 2018, quando refez exames, descobriu o diagnóstico de sífilis. Dona Esmeralda rapidamente pulou para o assunto da comida, o que é sempre uma denúncia, nesse espaço. Sobre isso, ela disse que “tem dias que dá para se alimentar, mas, às vezes, a comida tá impossível.” O seu semblante era de descontentamento.

Dona Esmeralda é uma entrevistada dinâmica, ela conduziu toda a conversa sem que eu precisasse direcioná-la, indo de um assunto ou outro com o mesmo entusiasmo e alguma rapidez. Quando chegamos no assunto da escrita, pedi que ela me desse mais detalhes, com essa linguagem indiquei que pausaríamos nossa atenção neste ponto. Ao começar a falar do projeto *Corpos Indóceis e Mentis Livres*, ela contou-me que lá na unidade as encarceradas têm alguns outros cursos além daquele, com professores dedicados, mas que aquele era o mais interessante porque, segundo ela, “um curso de literatura de verdade é o que conta a tua história”.

Eu estava com expectativas para aquele momento da entrevista, porque a professora Denise elogia muito os textos de Dona Esmeralda. No decorrer da conversa sobre o curso, ocorreu algo inusitado. Com entonação veemente, ela me disse: “eu odeio escrever”. Diante do meu olhar de surpresa que não devo ter conseguido disfarçar, continuou: “eu não escrevo, fuxico”. Diante do imprevisto daquela resposta, tentei reelaborar a questão e perguntei sobre as atividades de escrita que a professora passa para elas fazerem. Ela me respondeu que não entrega nenhuma, que faz tudo e esconde.

Proponho um parêntese nessa entrevista para discutir essa questão. Faço isto porque, após aquela tarde, ao deixarmos o Conjunto Penal Feminino, contei frustrada à professora Denise o que Esmeralda havia me dito sobre sua escrita. Foi então que ela me disse que aquela mulher escreve todas as vezes que é sugerida alguma tarefa, mas entrega-as escondido, para que ninguém saiba. E puxou um gatilho que seria incorporado à temática central desse trabalho, que é a “escrita de si”: a mulher negra, muitas vezes, não consegue se enxergar como escritora.

Numa sociedade em que mulheres negras são desde sempre excluídas dos círculos literários, que a literatura negra é marginalizada, é compreensível que exista a dificuldade de se ver como escritora, porque representatividade é base da “visão de si”. O mercado editorial, mesmo quando faz o recorte de raça, publica mais os homens negros do que as mulheres. A representação da mulher negra ainda está muito ligada ao seu passado escravizado, o que compromete a sua autoidentificação. Dona Esmeralda se envergonha, não se visualiza como possível protagonista, como dona de sua literatura.

Saindo daquele ambiente aparentemente desconfortável de confessar esconder o que escreve, ela falou com um tom de voz mais baixo “eu gosto mais de falar” e contou-me que gosta de encenar, ama teatro. “Ensaio as falas na cabeça, sei tudo de cabeça!” Contou que faz performances de dança, também, e que se sente à vontade no palco, em qualquer cena, porque ama. É possível notar o traço histórico da representação da mulher negra com o espaço da dança, mais do que com o espaço da leitura, escrita. Essa discussão remonta à escravidão e é um dos fatores que contribui com, segundo Conceição Evaristo, a visão da mulher negra de si mesma como não capaz de produzir literatura.

No Brasil, se tem um imaginário muito cruel em relação aos negros, e mais ainda cruel em relação às mulheres negras, vistas como boas cozinheiras, boas lavadeiras, aquelas que tomam conta do corpo do outro, que dançam, então, acreditar na capacidade de escrita das mulheres negras, acreditar que são mulheres pensantes, intelectuais, que criam situações de aprendizagem, que somos donas do conhecimento, isso é mais difícil. Então, acreditar que uma mulher negra produza literatura, marcadamente mais de autoria de homens, e homens brancos [...] é muito mais difícil do que para uma mulher branca, por exemplo. (GELEDÉS, 2018)

Ao fim daquela declaração sobre amar dança e teatro, ainda divagando sobre o assunto, Esmeralda disse: “sem amor é como vela sem pavio, não tem luz”. Essa seção registra um momento que pudemos chamar oficialmente de entrevista, com um pouco de direcionamento, dada a semidiretividade, todavia, aquela mulher, como visto nos capítulos anteriores, contribuiu para a construção de todo o cenário dessa pesquisa, porque sempre participante, sempre interessada em opinar e contar as suas histórias. Agradei à Esmeralda pela contribuição e por toda a atenção e lhe pedi um abraço. 16 horas. Não podíamos nos estender.

4.2 “Me acabo nos livros”

A protagonista dessa seção do trabalho é Maria Firmina dos Reis. Sempre de batons vermelhos e um olhar atento, essa mulher manauense me ensinou muito. A entrevista de Firmina foi, por circunstâncias que fogem ao controle da entrevistadora, dividida em alguns blocos.

Meu primeiro encontro com Firmina foi no dia 28 de junho, no mesmo dia em que entrevistei Dona Esmeralda. Introduzi aquele momento falando da minha questão de pesquisa e, para ambientar nossa conversa, pedi que me falasse de como se sentia ali, de como estava sendo a sua experiência. Firmina começou contando que é de Manaus e está cumprindo pena em Salvador, mas que não quer pedir transferência porque “sempre somem com as remissões”. Disse que lá é tudo muito chato e triste. Seu pensamento parecia estar longe, quando acrescentou: “a gente acaba não se acostumando”.

Ao falar da vida lá dentro, veio à tona um desabafo, quando me disse que não tem visitas, pois sua família mora longe e “quem não tem visita fica sem nada”, se referindo às doações. Para exemplificar, falou da festa junina que havia acabado de acontecer naquela semana: “quem tem visitas comeu coisas gostosas e eu não”.

Para direcionar a conversa para o tema do trabalho, perguntei sobre a biblioteca Mentos Livres, porque soube que ela trabalha lá. Maria Firmina disse que gosta muito de trabalhar na biblioteca, porque tem bastante contato com os livros, ambiente que lhe faz bem. Empolgada, me contou que estava lendo o livro “O Príncipe Maldito”, que conta a história da família imperial brasileira. Disse estava gostando da leitura e aprendendo diversas coisas. Firmina fala de livros com muito entusiasmo e, em meio àquele assunto, declarou: “não tenho televisão, não tenho rádio, então me acabo nos livros”.

Em meio ao assunto dos livros, quando provavelmente entraríamos na questão da escrita, do projeto em si e das produções, uma agente penitenciária chegou procurando Firmina. Sua advogada estava no Conjunto Penal para tratar de algum assunto de seu processo. Então, rapidamente e sem conseguir finalizar o que estava me contando, ela pediu desculpas e deixou a sala. Retomei minha observação da aula daquele encontro, sem Firmina. Quando deixamos a unidade, a encontramos na recepção conversando com a sua advogada. Firmina estava algemada e sentada. Em frente a elas duas, estava uma agente policial. Aquela cena me causou desconforto, imaginei que esses momentos de consulta com advogados(as) fossem em privacidade, sem aqueles constrangimentos.

Na vez seguinte que entrei no Conjunto Penal Feminino, no dia 19 de julho, imaginei encontrar Maria Firmina para darmos continuidade à entrevista. Entretanto, assim que nos dispusemos na sala de aula, tive a notícia de que ela não compareceria àquele encontro, pois estava em aula de ioga, feita por um grupo que visita a unidade, o Arte de Viver. Perto do final da aula, Firmina apareceu. Nos cumprimentou, explicando que havia faltado a aula de literatura porque a aula de ioga acontece raramente e é um momento no qual ela esquece que está ali. 16 horas. Não pudemos dar continuidade à entrevista. Disse a ela que retornaria. As mulheres foram recolhidas.

O último e finalmente completo momento de entrevista com Maria Firmina foi no dia 24 de julho. Dessa vez, uma terça-feira. Dessa vez, uma aula sem textos escritos, com textos corporais. A professora Denise Carrascosa precisou adiantar o encontro da semana para a terça, por conta de uma viagem a trabalho, então solicitou à diretoria do Conjunto Penal Feminino que autorizasse a troca. Dessa vez, trouxe uma proposta de aula diferente,

com atividades de alongamento e percepção corporal, respiração ventral, com óleo aromatizante e ensinamentos de Mãe Stela de Oxóssi.

Nesse dia, como combinado na semana anterior, solicitaríamos a disponibilidade de Maria Firmina para conversar comigo logo no início do encontro, e tentar evitar uma outra interrupção brusca daquele contato. Depois de algumas atividades corporais, a professora me direcionou para retomar a entrevista de Firmina e sentamos no canto da sala. A conversa se iniciou em um comentário sobre o curso de literatura daquele projeto, quando Firmina pontuou: “é o que mais ajuda. Eu não sabia escrever o que tô sentindo, agora eu sei”, fazendo uma série de considerações sobre o aprofundamento da sua escrita com a ajuda do curso do projeto *Corpos Indóceis e Mentis Livres* e sobre esse novo universo para ela, o da leitura e escrita. “Eu descobri um amor pelos livros que eu nem sabia que eu tinha.”

Passamos com calma por alguns aspectos da vida de Maria naquela conversa. Dessa vez, tínhamos tempo e a percebi muito confortável ao me contar a sua história. Eu não fazia perguntas específicas, apenas ouvia os seus relatos e, por um longo período, larguei a caneta. Estávamos em assuntos de família, ela ficou emocionada e parecia depositar alguma confiança por me contar aquelas coisas, que foram ouvidas olhando em seus olhos, com toda a minha atenção. Contou que tem duas irmãs, uma de 9 e uma de 22 anos, moram em Manaus com a mãe. Firmina quando falou delas três, mãe e irmãs, disse que sente que é o esteio da mãe, que mesmo presa, ainda representa muita segurança para ela, cuida, de longe, aconselhando as irmãs a não a deixarem.

É que a mãe de Firmina teve um episódio de síndrome do pânico, uma época em que tinha medo de ir à rua, de fazer as coisas da rotina e também acabou entrando em um quadro sério de depressão. Firmina a cercava de cuidados. Ao introduzir esse assunto, ela falou: “é muito difícil pra mim falar”, e eu disse-lhe que não precisávamos falar, mas ela insistiu.

Contou-me que as aulas de ioga, que ela tem muito raramente, tem lhe ajudado a se perdoar, porque ela se maldizia por ter sido egoísta e deixado a mãe e as irmãs para se envolver “com o que não devia”. Naquele momento, refletiu em voz alta: “depois que vim pra cá eu percebi o quanto elas precisam de mim” e disse que, por conta disso, toda vez que alguém dentro do presídio a provoca, por qualquer motivo, ela não reage com fúria, pensa nas pessoas que ama e em voltar logo para elas, e se acalma. “Prefiro ser ‘leiga’”, como vocês chamam aqui na Bahia, ser besta, do que me descontrolar”. Disse que nem sempre foi assim, até porque, uma pessoa tem momentos de raiva, tem vários tipos de humor, e “aqui você só pode ter um”.

Entrando em detalhes da época em que a sua mãe estava doente, ela disse que ia e voltava da escola correndo, preocupada se ela havia comido, se havia tomado banho. Desabafou: “Eu nunca podia imaginar, minha mãe tão jovem, tão bonita, bem-sucedida, gerente de livraria...” Hoje em dia diz que ela está bem melhor, que se falam pelo telefone e que a mãe encontrou um companheiro. Sobre isso, ela me disse ter sido uma grande ajuda para a situação, porque ela agora estava longe e teria alguém para cuidar da sua mãe, mas, ligeiramente acrescentou, “mas a gente nunca precisou de homens”, e que ela sempre dizia a sua mãe: “mãe, você não precisa de homem”, explicando que nunca tiveram homens por perto na família, sempre foram sozinhas, ela, a mãe e as irmãs.

Retomamos a conversa sobre literatura e um semblante de alegria voltou ao seu rosto. Firmina me contou sobre outro livro que havia começado a ler, este trazido pelo projeto para a biblioteca Mentos Livres. O livro da Conceição Evaristo “Becos da Memória”. Inicialmente, me falou da sua identificação com a linguagem e cenário, porque, lá em Manaus, sempre viveu em bairros periféricos. Contou também que estava muito presa àquela leitura pois uma personagem específica lembrava sua mãe. A personagem que a narradora chama de “A outra”. Segundo Firmina, “A outra” era cuidada pela personagem principal, ela precisava de cuidados, era esquecida, “sempre escondida”, e a lembrava dos seus cuidados com a sua mãe, na época em que ela estava necessitando de força e de ajuda com a rotina, com banhos e alimentação.

Podemos extrair desse relato sobre identificação com cenário, linguagem e personagens de Conceição Evaristo a importância de uma “escrevivência” na visão e na escrita de si da mulher. Existe uma ligação estreita entre a situação de encarceramento e a experiência contada por Conceição Evaristo em seus contos, porque, via de regra, é das periferias que vêm essas mulheres para o sistema prisional.

A história de infância da mulher encarcerada é similar à história de infância da autora, e isso se percebe nas visitas de campo feitas por mim, nos comentários em sala de aula. Conceição e as participantes do projeto Corpos Indóceis e Mentos Livres falam da mesma origem, das mesmas raízes. Dialogam, com a mesma linguagem, sobre a vida na favela. Firmina reconhecer a sua mãe na personagem de Becos da Memória, comparar sua relação de cuidados com ela com as narradas naquela história, mostra também uma dinâmica bastante particular da construção social da feminização da pobreza e de suas estratégias de resistência: mulheres negras, sempre sozinhas, cuidando umas das outras, lutando umas pelas outras. Lê-se este “sozinhas” em várias dimensões, porque na maioria das vezes mães solteiras, porque dificilmente aceitas em grupos sociais racialmente diversos,

incluído o mundo do trabalho, ou porque dificilmente percebidas fora do estereótipo da sexualização e objetificação do corpo negro.

Com o desenho da estrutura familiar de Maria Firmina, feito nessa entrevista, podemos perceber o modelo repetido de um contexto que abrange muitas famílias brasileiras. Angela Davis, sobre o assunto, escreve indicando semelhanças com a situação descrevo, muito embora trate do contexto dos Estados Unidos. É possível traçar paralelos entre as duas experiências de construção de famílias negras moldadas pelo racismo.

O povo negro, tanto durante como após o período da escravidão, foi forçado a construir, de modo criativo e frequentemente improvisado, uma vida familiar compatível com os ditames da sobrevivência. Contudo, por não refletir a norma, a família afro-americana tem sido repetidamente definida como patológica em suas características e injustamente culpada pelos problemas complexos que existem no interior da comunidade negra – problemas em geral diretamente imputáveis à promoção social, econômica e política do racismo. Não se trata, obviamente, de refutar que as famílias negras estejam em sérias dificuldades. Mas focar de forma equivocada nos problemas familiares como a base da opressão da comunidade afro-americana – como se colocar ordem na família erradicasse automaticamente a pobreza – é aderir ao falacioso argumento de que “a culpa é da vítima”. (DAVIS, 2017, p.71)

Ao final daquela conversa, agradei a Maria Firmina por toda a atenção, pela confiança em me contar a sua história. Ela me agradeceu de volta, me deu um abraço e perguntou se podia me pedir uma coisa. Acenei que sim. Ela pediu que eu trouxesse de uma outra vez, ou enviasse pela professora Denise, um esmalte cor de renda e um branco, para ela. Disse não ter recebido nenhum dos esmaltes que eu havia levado na semana anterior, e que, como não tem visitas, aprendeu a não se envergonhar de pedir coisas às pessoas que chegam ali. Respondi que faria o que me pediu e nos cumprimentamos novamente. As outras presas já estavam a deixar a sala, eram 16 horas.

5. O CADERNO DE RETALHO VERDE E COMO ELAS SE LÊEM

O caderno de poesias analisado nesse capítulo teve poucos exemplares impressos à época de sua confecção, por motivos de poucas verbas no projeto. Feito pelo grupo de maneira artesanal, com páginas impressas em papel reciclável e capa de papelão e retalho de pano florido, tem um aspecto bastante orgânico.

Esses exemplares foram, segundo relato da própria coordenadora Denise Carrascosa, distribuídos estrategicamente para pessoas e instituições que precisam ter um diálogo mais próximo e mais profundo com a experiência do Conjunto Penal Feminino, dentre elas, a Defensoria Pública do Estado, a Ordem dos Advogados do Brasil – Seção Bahia, o Ministério Público do Estado, dentre outros, como professores das universidades.

A disponibilização de um material para utilização neste trabalho foi solicitada por mim e não teve qualquer objeção por parte da coordenadora Denise. A mesma se prontificou a separar alguma amostragem das produções feitas pelas participantes do projeto e explicou ter selecionado o material de poesia de 2015 por estar organizado e compilado em um único caderno, portanto de fácil transporte e manuseio e serem poucos os exemplares desses materiais de produção.

No dia 28 de junho de 2018, na segunda visita ao projeto *Corpos Indóceis e Mentis Livres*, o caderno verde foi emprestado para análise. Após a visita daquele dia, me dediquei à leitura daquele pequeno caderno com muito entusiasmo.

As páginas do caderno de capa de papelão são unidas e amarradas por um laço de fita verde e, seu título, que se encontra na parte interna, posicionado no centro da primeira folha é “Na Cadeia ou Válvula de Escape ou o que Faremos de Nós?”

O prefácio do material é um poema da coordenadora Denise Carrascosa para a turma que ela denomina “turma da escrita criativa da primavera de 2015”. A seguir, uma lista com o nome de todas as participantes que permitiram ser identificadas e, adiante, um por cada página, os seus poemas.

Para estruturar este capítulo, pretendo retratar um cenário escolhido pela coordenadora Denise Carrascosa ao trabalhar com literatura prisional. Portanto, entendo este preparo como a escolha de uma trilha sonora, que ambienta a leitura, traduzindo as suas intenções para com o projeto *Corpos Indóceis e Mentis Livres* e, para isto, me valho das suas próprias palavras.

Do ponto de vista teórico disciplinar, a minha reflexão diferencia-se da vontade de leitura que percorre os caminhos da questão da memória traumática como um produtivo campo teórico-crítico no Brasil e no mundo. Diferencio-me um pouco deste

feixe de interesses e perspectiva, na medida de uma vontade de compreender o trabalho escrito de quem passou pelo cárcere não necessariamente como um trabalho de luto, que envolve uma noção de perda originária, mas como um dispositivo de suplementação subjetiva e afirmativa; errática e divergente, afinal, desviante do lugar de morte em que o mecanismo de aprisionamento posiciona os corpos que submete. (Carrascosa, 2015, p.15-16).

Antes de tratar das poesias, a proposta de interpretação do material retoma a perspectiva da própria coordenadora do projeto Denise Carrascosa, que fala de uma rasura do estigma pela afirmação da personalidade. Goffman (2008) apresenta a noção de estigma ao se referir às interações sociais que categorizam as pessoas de acordo com seus atributos considerados desejáveis ou não. “A interpretação sociológica mais simples do indivíduo e do seu eu é que ele é, para si mesmo, aquilo que seu lugar numa organização define que seja” (GOFFMAN, 1996, p. 258).

A união dessas duas teorias contribui com a análise de que a visão da mulher encarcerada de si mesma é multidimensional. Além da parte da sua identidade que restou quando nada mais lhe restou, que não foi desvestida pelo encarceramento, existe a parte que não se conhecia, que é fruto desse episódio e de um estigma que sua identidade agora, mesmo quando findada a experiência do cárcere, carregará. É o que Goffman chama de seu lugar definido por uma organização, porque o sujeito acaba se vendo também da forma como é visto.

haha
 aqui se faz
 haha
 aqui se paga
 haha
 o que se paga?
 Haha
 Por isso estou pagando muito caro
 Haha

(Priscila, *Corpos Indóceis e Mentis Livres*, 2015)

Neste poema, é perceptível uma ironia carregada de culpa. A encarcerada olha para o episódio de cumprimento de pena como um castigo. A construção social da penalidade elabora que para toda conduta humana que descumpra a lei há uma sanção, mas de que natureza isso deve ser? Utilizando as suas palavras: “o que se paga?”

A mulher que encara a vida indigna do cárcere como algo merecido é a parte do sujeito que já está carregada pelo estigma, que já incorporou a versão vilã de si mesma que é ferramenta de manutenção da verdadeira função do cárcere. É preciso atentar que o cárcere é arma política de manutenção de desigualdades raciais e econômicas porque, desviante do seu discurso oficial de uma proposta de recuperação do indivíduo, ele reafirma a exclusão e segregação.

uma função inerente à pena de prisão é obrigar a um constante reviver o passado no presente. Devemos recordar ainda que o cárcere é um instrumento de caricaturização e potencialização de distintos aspectos da sociedade, de modo que a dinâmica do tempo também vai extremar-se no interior da instituição total [...] (Aury Lopes Jr, 2014, p.438)

Igualmente, Michelle Alexander registra que

Esse sistema depende do rótulo da prisão, não do tempo de prisão. Uma vez rotulada como delinquente, a pessoa é introduzida em um universo paralelo no qual a discriminação, o estigma e a exclusão perfeitamente legais, e privilégios de cidadania como votar ou participar de júri estão fora de alcance. Não importa se você passou de fato algum tempo na prisão: sua cidadania de segunda classe começa no momento em que você é rotulado como delinquente. (ALEXANDER, 2017, p. 151)

A escrita de si, todavia, é um terreno muito vasto. Além de dimensionar a visão que o indivíduo tem de si, da sua alma, ainda é necessário analisar o conteúdo dessa escrita, o ambiente desse imaginário. Utilizando a linguagem e interpretação de Conceição Evaristo, escritora negra, a escrita de si é a “escrevivência”, é a recriação do cotidiano, da maneira que o é, com a linguagem popular, com os relatos de suas crenças, com o protagonismo da mulher negra, o que, diante da literatura canônica, está em uma posição de marginalização, porém sem aceitação passiva do estigma.

Trago para este momento outro poema de uma das participantes do projeto *Corpos Indóceis e Mentis Livres*.

Minha rotina (em tópicos)

- o barulho da chave tinando trinca
- homem na galeria
- companheira Kaká
- rampa de manhã
- eu quero dizer café da manhã
- arrumar a cela
- lá fora, as pessoas do banho de sol
- uma turma ao meio dia
- rampa quer dizer almoço
- quando vem bom todo mundo pega marmita
- quando vem ruim ninguém pega
- pega por boa noite
- 4:00 da tarde todos são recolhidos da cela
- um cão toma banho
- outro espera um jantar
- é isso até o dia que chegar
- o dia mais esperado: colchão e marmita
- tem também resenha
- tem também sabão

- tem reunião entre nós
- culto
- meio de semana: escola
- gosto muito de vocês

(Katiane, *Corpos Indóceis e Mentis Livres*, 2015)

A escrita da mulher encarcerada desromantiza a literatura, incomoda o imaginário popular porque traz à tona um sofrimento que não é o sofrimento do amor romântico, é o sofrimento da desigualdade, da injustiça social, da desumanização. Afronta a literatura tradicional, a linguagem erudita, a métrica, as regras da escrita colonizada, porque vem da periferia, do povo. Nesse contexto, Carolina Maria de Jesus fez história. Mulher negra, escritora, conta o cotidiano da favela nas folhas do seu diário.

22 de maio. Eu hoje estou triste. Estou nervosa. Não sei se choro ou saio correndo sem parar até cair inconsciente. É que hoje amanheceu chovendo. E eu não saí para arranjar dinheiro. Passei o dia escrevendo. Sobrou macarrão, eu vou esquentar para os meninos. Cosinhei as batatas, eles comeram. Tem uns metais e um pouco de ferro que eu vou vender no Seu Manuel. Quando o João chegou da escola eu mandei ele vender os ferros. Recebeu 13 cruzeiros. Comprou um copo de água mineral, 2 cruzeiros. Zanguei com ele. Onde já se viu favelado com essas finezas? ...Os meninos come muito pão. Eles gostam de pão mole. Mas quando não tem eles comem pão duro. Duro é o pão que nós comemos. Dura é a cama que dormimos. Dura é a vida do favelado. (JESUS, 2014, p. 41)

São algumas as semelhanças entre o texto de Carolina Maria de Jesus e o da encarcerada Katiane, principalmente a sua linguagem, e todos os aspectos citados no parágrafo anterior, porque vindas de um mesmo lugar de discurso. Com isto, essas mulheres fazem uma nova literatura, dão outra dimensão à arte como ferramenta de transformação, fora do lugar desviante que sempre esteve. Segundo Angela Daves (2017, p. 171), “a estética burguesa sempre buscou situar a arte em uma esfera transcendente, além da ideologia, além das realidades socioeconômicas e, certamente, além da luta de classes.” Portanto, quando mulheres da favela, dos presídios, dos lugares da sociedade onde a luta pela sobrevivência tira o romantismo das palavras, decidem escrever, isto é potencialmente uma verdadeira revolução.

A quebra de uma estética burguesa acontece por todo o acervo de poesias das encarceradas da primavera de 2015, seja nos temas escolhidos para suas escritas, seja na pressa de suas denúncias, que dão ritmo às suas métricas.

Eu tenho fome de justiça. Eu tenho fome de justiça. Eu tenho fome de justiça. Eu tenho fome de amor. Eu tenho fome de aprender. Eu tenho fome de liberdade. Eu tenho fome de ser diferente. Eu tenho fome de criar meus filhos. Eu tenho fome de abraçar. Eu tenho fome de justiça. Eu tenho fome de justiça. Eu tenho fome de justiça.

(Edlene, *Corpos Indóceis e Mentis Livres*, 2015)

O crime!
 Ouvi dizer que: no crime não podem existir falhas!
 Passaram-se os anos e hoje pergunto:
 Quem é fiel e qual sistema nunca falha?

(Cynara, *Corpos Indóceis e Mentis Livres*, 2015)

A escrita de si de mulheres privadas da liberdade visita, ainda, um lugar de culpa. Culpa essa que tem uma carga dupla. Isso porque existe a culpa inerente à condição de mulher: a culpa imposta pela cultura que dita padrões inatingíveis ou a culpa que violenta psicologicamente, que a silencia quando vítima do machismo em qualquer dos seus níveis. Além desta, a culpa proveniente da experiência do encarceramento.

Culpa

O despertador que não tocou,
 O leite que se derramou e a
 panela que se queimou...
 nada está bem, olho para o céu
 lindo como sempre...
 me vejo no espelho, sou jovem
 e tudo
 tudo está bem...
 As horas me deixaram...
 O taxi quebrou...
 O avião me deixou...
 Olho para o céu, igual e lindo
 Me vejo no espelho
 e... já não sou eu...
 e... tudo está bem?
 Ou... é minha culpa?

(Grécia Ruiz, *Corpos Indóceis e Mentis Livres*, 2015)

A discussão da culpa da mulher encarcerada me lembra automaticamente a entrevista de Maria Firmina, relatada no capítulo anterior. Mulher entre mulheres, que sempre criou as irmãs e cuidou da mãe, vive aflita em ligações no orelhão da penitenciária, continuando a cuidá-las e se culpando por não estar presente. Entretanto, a mesma fonte da qual vem a culpa é fonte também da esperança. A dedicação à sua família e o amor a fazem ter esperanças de uma vida melhor, em liberdade. Muitas vezes, os poemas das mulheres presas também traduzem esperanças, mesmo que quase sempre envoltas de algum sofrimento.

Manhã de sábado

O sol está radiante

Um dia especial
 Como gostaria de poder
 Desfrutar tanta beleza
 Até posso, mas há muitos limites.
 O dia me traz lembranças de tudo
 Que vivi.
 Viver. Amar. Compartilhar.
 Uma manhã de sábado
 Perfeita para amar
 Amar esse que vou
 reencontrar.

(Tâmires, *Corpos Indóceis e Mentis Livres*, 2015)

Como já discutido anteriormente, o sofrimento da mulher que vive a experiência do encarceramento perpassa pelo sofrimento enquanto mulher negra e é parte pulsante e elementar da sua poesia. É a mistura de uma solidão que acompanha a história de vida da mulher negra, com a solidão da situação de privação de liberdade.

Companhia

Meu coração chora, chora junto
 com a solidade que me faz
 companhia
 Solidade que faz chorar minha
 alma...
 Choro querendo companhia
 Companhia que há, mas não sinto
 Companhia que existe, mas...
 Estou só.
 Choro querendo companhia.

(Grécia, *Corpos Indóceis e Mentis Livres*, 2015)

Sua voz, silenciada de tantas maneiras, quando encontra estrofes se torna mais forte, mais encorajada. Não se pode dizer com isso que a condição de escritora, situacional ou permanente, lhes dê voz efetivamente perante a sociedade. Muitas dessas mulheres permanecem à sombra da “alta literatura”, sem nenhuma posição de destaque ou oportunidade editorial. Exemplo desse esquecimento é a poeta e ex professora sergipana, negra e militante Maria Beatriz do Nascimento, que faleceu em 1995 e teve seu nome completamente apagado da história da poesia brasileira.

Sonho

A todas as mulheres pretas espalhadas pelo mundo, a todas as demais mulheres e a Isabel Nascimento, Regina Timbó e Marlene Cunha/1989.

Seu nome era dor
 Seu sorriso
 dilaceração
 Seus braços e pernas, asas
 Seu sexo seu escudo
 Sua mente libertação
 Nada satisfaz seu impulso
 De mergulhar em prazer

Contra todas as correntes
 Em uma só correnteza
 Quem faz rolar quem tú és?
 Mulher!...
 Solitária e sólida
 Envolvente e desafiante
 Quem te impede de gritar
 Do fundo de sua garganta
 Único brado que alcança
 Que te delimita
 Mulher!
 Marca de mito embotável
 Mistério que a tudo anuncia
 E que se expõe dia-a-dia
 Quando deverias estar resguardada
 Seu ritus de alegria
 Seus véus entrecruzados de velharias
 Da inóspita tradição irradias
 Mulher!
 Há corte e cortes profundos
 Em sua pele em seu pelo
 Há sulcos em sua face
 Que são caminhos do mundo
 São mapas indecifráveis
 Em cartografia antiga
 Precisas de um pirata
 De boa pirataria
 Que te arranques da selvageria
 Mulher!
 -

(NASCIMENTO, 2015, p.32)

O poema de Beatriz Nascimento passeia por diversas das temáticas já comentadas nesse trabalho. Pela solidão da mulher negra, pelo exercício de contra-correnteza que é o ser mulher, pela história de antepassadas que lhes constitui, pela apropriação pela mulher negra do seu corpo e seu sexo, pela dor e pela coragem como elementos das suas estrofes, sempre denunciante. “Sonho” representa com precisão a já comentada visão de si multi-dimensional, desta feita, fora do cárcere, mas com problemáticas que também conversam com ele, como os poemas do caderno verde continuam a nos mostrar.

Água

Chuvas que invadem meu ser, molham meu
 corpo por inteiro
 Olho para o céu e lá em cima vejo os
 Pássaros desesperados à procura de abrigo.
 Desesperados
 à procura de uma árvore para se abrigar. E eu?
 Há! Eu estou na chuva de braços abertos,
 sentindo os beijos da chuva sobre mim.

(Karina da Silva Bonfim, *Corpos Indóceis e Mentis Livres*, 2015)

O poema “Água” faz exatamente o trajeto híbrido da escrita de si que une a percepção de Goffman, do sujeito que assume o estigma, com a percepção de Denise Carrascosa, da

visão errática, “desviante do lugar de morte”. A encarcerada aqui assume e rompe com o estigma, no mesmo poema. Nas primeiras estrofes, fala do desespero dos pássaros sem abrigo e ambienta a situação de maneira a induzir que esteja também perdida. Em seguida, ao perguntar “e eu?” causa no(a) leitor(a) (que pode estar engessado num campo crítico da compreensão da literatura no cárcere como uma literatura de luto, de medos) uma impressão de que ela irá se desesperar por abrigo, junto aos pássaros. Nesse momento, entretanto, ela subverte esse papel estigmatizado de mulher desprotegida e frágil, e abre os braços diante da chuva, a mesma chuva que desesperou os pássaros, agora a beija, rompendo com o estigma, surpreendendo.

A ressignificação do sujeito no cárcere vai além de explorar as intensidades dos sentimentos. Podemos dizer que ela aflora o instintivo e, ao mesmo tempo e como um movimento conjunto, rasura a visão de si como ser social. Segundo Goffman (1974, p.31), “o estabelecimento prisional altera as tendências autorreguladoras do internado, o qual precisará expor novos tipos de concepções e sentimentos sobre o eu.”

Todos os dias quando acordo

Não tenho mais o tempo que passou
 Mas se temos que dormir no mínimo
 8 horas por dia como perdemos nosso tempo?
 Fazemos planos para um dia
 Mas as horas passam tão rápido
 Que quando vamos ver só temos tempo de dormir.

(Assinar por quê?
 Por que razão, assinamos?)

(Lidiane dos Santos, *Corpos Indóceis e Mentis Livres*, 2015)

Essa nova concepção de si elabora uma outra relação da mulher com o próprio corpo e cria novas noções de tempo e espaço, como essa paródia exemplifica a partir do uso de figuras de linguagem como a ironia. A cela tira dessa mulher a concepção de ser social quando, em meio à sua procura pelas referências temporais, que também são redefinidas pelo encarceramento, ela questiona o porquê de ter de assinar o seu nome. O que restou de sua identidade é desvinculado dos contratos da vida social, nos quais a assinatura simboliza a afirmação do “eu”.

O Caderno Verde de Retalhos é um material vasto, mas com a escolha dos poemas analisados, se pôde contemplar a questão de pesquisa e vislumbrar a teoria da escrita de si, sobretudo, ao retratar o terreno muito mais amplo do contexto histórico-social de marginalização. Olhando para o fenômeno do encarceramento, Denise Carrascosa (2015, p.48) teoriza que “o sujeito que se escreve constrói para o personagem de si mesmo uma

zona de intensidades, fazendo-o ocupar as formas mais diferenciais contra a repetição insistente dos contextos”. Colhendo disto, entendo que a mulher, na experiência de encarceramento, ao escrever, transita entre as intensidades da culpa que a prende como mulher em qualquer ambiente, e a liberdade que é componente da sua condição de existência, mesmo quando está encarcerada.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A observação do projeto *Corpos Indóceis e Mentis Livres*, aliando as técnicas de inserção utilizadas por mim nesse trabalho, foi uma experiência que possibilitou uma leitura totalmente particular do fenômeno do encarceramento feminino. O projeto analisado foge do lugar comum de expectativas exaustas das formas convencionais de denúncia da população carcerária em torno da experiência prisional brasileira e ganha um ambiente subjetivo de se dizer, através da arte, com uma ótica política veemente, potencialmente revolucionária.

Foi possível perceber que o sujeito mulher é demasiado complexo e carrega, quando da experimentação da privação de liberdade, uma vestimenta de enfrentamento que reelabora o seu eu e discute corajosamente os seus monstros e heróis. A discussão de raça caminha impreterivelmente ao lado da discussão da política carcerária, porque, no Brasil e no mundo, existe uma estrutura complexa e em constante transformação de subalternização, controle, segregação e marginalização das comunidades negras. A questão de pesquisa, que é a escrita de si da mulher encarcerada, visitou os caminhos tortuosos da escrita de si da mulher negra brasileira.

Identifiquei convergências entre a literatura no cárcere e a literatura popular, a literatura da mulher negra das favelas brasileiras, a exemplo da utilização da linguagem cotidiana, das histórias de vida e das vivências em ambientes das cidades desprovidos de atenção estatal e rasura da literatura canônica, apropriando-se do testemunho como guia. Neste ponto, percebo que a literatura da mulher negra e suas questões temáticas conversam diretamente com a literatura feminina do cárcere.

O trabalho em campo revelou alguns entraves de pesquisar no ambiente prisional, desde as interdições mais sutis até obstáculos mais severos. Há não ditos, tendo em vista as minhas preocupações em resguardar a permanência e continuidade do projeto, o que decorre do meu compromisso ético de pesquisa. No entanto, o acesso às produções literárias das mulheres encarceradas permite dar novo fôlego às pesquisas sobre o ambiente prisional feminino.

A escrita de si da mulher no cárcere, como analisado na construção desse trabalho, tem dimensões múltiplas. Tentando tangenciar algumas delas, existe a possibilidade de incorporação de um estigma trazido pelo encarceramento que agora faz parte de sua identidade no imaginário popular, e a afirmação de si que diverge desse estigma e habita um lugar que não tem rótulos, não tem conceitos, apenas é.

Um dos poemas do material analisado traduz o fenômeno da escrita de si porque não responde ou afirma, apenas pergunta, apenas anseia por uma outra forma de existir.

Onde está o brilho dos seus olhos?

Onde está o seu sorriso?

Onde está, felicidade?

Onde está,

a liberdade?

(Katiane, *Corpos Indóceis e Mentis Livres*, 2015)

REFERÊNCIAS

- ALBARELLO, Luc. et. al. **Práticas e Métodos de Investigação em Ciências Sociais**. Tradução Luísa Baptista. Lisboa: Gradiva, 2011.
- ALEXANDER, Michelle. **A Nova Segregação**: racismo e encarceramento em massa. Tradução Pedro Davoglio. São Paulo: Boitempo, 2017.
- ALVES, Miriam. Alice está morta. In: **Cadernos Negros**: melhores contos. São Paulo: Quilombhoje, 1998.
- AZEVEDO, Natanael Duarte e MELO, Iran Ferreira de. A construção do feminino em “Olhos D’água”, de Conceição Evaristo: uma análise de performances pós-identitárias de gênero. **Línguas & Letras**, Cascavel, v. 40, n. 18, p. 101-111, 2017. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/viewFile/17144/pdf>> Acesso em: 15 jul. 2018.
- CARMICHAEL, Stokely. **O Poder Negro**. 2. ed. Belo Horizonte: Nandyala, 2018.
- CARRASCOSA, Denise França. **Técnicas e políticas de si nas margens, seus monstros e heróis, seus corpos e declarações de amor**: literatura e prisão no Brasil pós- Carandiru. Curitiba: Appris, 2015.
- DEMO, Pedro. **Metodologia Científica em Ciências Sociais**. São Paulo: Atlas, 2014.
- DESLAURIERS, Jean-Pierre. KÉRISITS, Michele. O delineamento de pesquisa qualitativa. In: POUPART, Jean. et. al. **A pesquisa qualitativa**: enfoques epistemológicos e metodológicos. Tradução Ana Cristina Nasser. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 127-153.
- _____. A indução analítica. In: POUPART, Jean. et. al. **A pesquisa qualitativa**: enfoques epistemológicos e metodológicos. Tradução Ana Cristina Nasser. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 337-352.
- DAVIS, Angela. A Arte na Linha de Frente: mandato para uma cultura do povo. In: _____. **Mulheres, Cultura e Política**. Tradução Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2017, p. 165-180.
- _____. Destruindo o sonho: a família negra e a crise do capitalismo. In: _____. **Mulheres, Cultura e Política**. Tradução Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2017, p. 69-82.
- EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: ALEXANDRE, Marcos Antônio (org.) **Representações Performáticas Brasileiras**: teorias, práticas e suas interfaces. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.
- EVARISTO, Conceição. **Olhos D’água**. Rio de Janeiro: Pallas; Fundação Biblioteca Nacional, 2016.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão. Tradução Lígia M. Ponde Vassalo. Petrópolis: Vozes, 1987.
- GELEDES. **A autoria negra existe e não é de hoje**: Conceição Evaristo, escritora. 8 jul. 2017. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/autoria-negra-existe-e-nao-e-de-hoje-conceicao-evaristo-escritora/>>. Acesso em: 25 jul. 2018.

GOFFMAN, Erving. **Manicômios, prisões e conventos**. Tradução Dante Moreira Leite. São Paulo: Perspectiva, 1996.

GUERRA, Isabel Carvalho. **Pesquisa Qualitativa e Análise de Conteúdo** – Sentidos e formas de uso. Lisboa: Príncípia, 2006.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de Despejo**: diário de uma favelada. 10. ed. São Paulo: Ática, 2014.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

VAZ, Livia. **Sobre Princesas e Abolições**: 130 anos da Lei Áurea. 2018. Disponível em: <<http://flordedende.com.br/sobre-princesas-e-abolicoes-130-anos-da-lei-aurea/>> Acesso em: 15 jul. 2018.

LOPES JR, Aury. **Direito Processual Penal**. 11. ed. São Paulo: Saraiva, 2014.

MATTOS, Virgílio de; PINTO, João Batista Moreira (orgs.). **A legibilidade do ilegível**. Belo Horizonte: Fundação MDC, 2006.

NASCIMENTO, Beatriz. Sonho. In: RATTTS, Alex; GOMES, Bethânia (orgs.). **Todas (as) distâncias**: poemas, aforismos e ensaios de Beatriz Nascimento. Salvador: Editora Ogum's Toques Negros, 2015.

QUEIROZ, Nana. **Presos que menstruam**. Rio de Janeiro: Record, 2015.

SANTOS, Amanda Veiga. **Percepções sobre a Criminalização de Mulheres Negras no Contexto do Comércio Varejista de Substâncias Psicoativas**. 2016. 91f. Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação – Faculdade de Direito, Universidade Federal da Bahia.

SOLEIDAD, Aina. Coletivo aponta que só há 2% de professores negros na Ufba. **A Tarde**, Salvador, 10 jun. 2018. Disponível em <<http://atarde.uol.com.br/bahia/salvador/noticias/1968259-coletivo-aponta-que-so-ha-2-de-professores-negros-na-ufba>> Acesso em: 22 jul. 2018.

ANEXO A - Guia de entrevista semidiretiva

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA – FACULDADE DE DIREITO

CURSO DE GRADUAÇÃO EM DIREITO

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

PROFESSORA ORIENTADORA: TATIANA EMILIA DIAS GOMES

GUIA DE ENTREVISTA SEMIDIRETIVA

TÍTULO DO TRABALHO: “O Curso Mais Real de Literatura Conta a tua História”: uma escrita de si da mulher encarcerada

Nome da entrevistadora: Milena Lordelo Issa

Data: _____

Nome da entrevistada: _____

- 1- Técnica de coleta de dados: entrevista semidiretiva¹ de cunho exploratório.
- 2- Assunto da entrevista: vivências de mulheres no cárcere a partir da escrita e da literatura.
- 3- Entrevistadas: internas que cumprem pena no regime fechado, no Conjunto Penal Feminino
- 4- Objetivos:
 - a) Conhecer as histórias de vida das mulheres alunas do projeto analisado que cumprem pena restritiva de liberdade;
 - b) Conhecer a realidade da vida dentro do cárcere como mulher;
 - c) Saber o que as mulheres encarceradas acham da proposta do projeto analisado;
 - d) Buscar compreender em que medida trabalhar subjetividade e escrita dentro do cárcere lhes permite escapar da tortura psíquica e do apagamento da identidade causados pelo encarceramento.

¹O papel do entrevistador, numa óptica semidiretiva, pode ser delimitado nestes termos: segue a linha de pensamento de seu interlocutor, ao mesmo tempo em que zela pela pertinência de afirmações relativamente ao objectivo da pesquisa, pela instauração de um clima de confiança e pelo controle do impacto das condições sociais de interacção sobre a entrevista. (RUQUOY, 1997, p. 95)

5- Modo de intervenção:

Condições metodológicas:

- a) relação direta verbal;
- b) entrevista provocada pela investigadora;
- c) entrevista para fins de investigação acadêmica;
- d) entrevista baseada em um guia de entrevista que se guiará pelo curso do pensamento das entrevistadas, que se exprimem livremente;
- e) busca-se, preferencialmente, a presença somente do(a) pesquisador(a) e do(a) entrevistado(a), para que esta se exprima livremente.

Condições técnicas

- Proibido o uso deste pela direção do presídio. Houve o esforço para registrar ao máximo todas as palavras ditas pelas entrevistadas, sem distorcer o sentido, em caderno de notas.

6- Guia de entrevista fracamente elaborado

- a) Eixo temático preliminar: objetivos da investigação, o papel do entrevistador, que não emite opiniões, mas escuta e questiona.
- b) Questão indutora: Poderia me falar um pouco sobre a sua história de vida?
- c) Questão indutora: Poderia me contar sobre a sua rotina?
- d) Questão indutora: Por favor, fale-me sobre suas percepções sobre o curso de literatura...
- e) Questão indutora: Gostaria de dizer mais alguma coisa?

Agradecer a participação.

ANEXO B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Nome dos(as) Pesquisadores(as): Milena Lordelo Issa

1. **Natureza da pesquisa:** o(a) Sr.(Sra.) está sendo convidado(a) a participar de um aparato empírico de construção de projeto de monografia para graduação em Direito pela Universidade Federal da Bahia que tem como tema literatura feminina na prisão.
2. **Participantes da pesquisa:** Mulheres encarceradas de Salvador, especificamente participantes do projeto Corpos Indóceis e Mentis Livres da Professora Denise Carrascosa.
3. **Envolvimento na pesquisa:** O (A) Sr. (Sra.) tem liberdade de se recusar a participar e ainda se recusar a continuar participando de qualquer fase da pesquisa, sem qualquer prejuízo, assim como poderá se recusar a responder qualquer uma das questões. Sempre que quiser, poderá pedir mais informações sobre a pesquisa através dos contatos do(a) pesquisador(a).
4. **Sobre as entrevistas:** As entrevistas serão realizadas em particular; elas serão gravadas, mas só quem terá acesso a estas gravações serão os(as) pesquisadores(as), os(as) e sua orientanda.
5. **Riscos e desconforto:** a participação nessa pesquisa não traz complicações legais. Nenhum dos procedimentos usados oferece riscos à sua dignidade.
6. **Confidencialidade:** todas as informações pessoais coletadas nesse estudo são estritamente confidenciais. A identidade do(a) pesquisado(a) será preservada. Somente os(as) pesquisadores(as) terão conhecimento desses dados.
7. **Benefícios:** Esperamos que esse estudo forneça informações importantes sobre a vivência da mulher encarcerada e a contribuição da literatura para sua visão de si como sujeito de direitos e contribuir para o cenário acadêmico no sentido de promover a pesquisa sobre mulheres encarceradas, seus enfrentamentos e a importância da produção de subjetividade nesse espaço.
8. **Pagamento:** o(a) Sr.(Sra.) não terá nenhum tipo de despesa para participar dessa pesquisa, bem como nada será pago por sua participação.

Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para participar dessa pesquisa. Portanto, por favor, assine no campo abaixo.

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento em participar da pesquisa

Nome do(a) Participante da Pesquisa

Leidiane de Lottina Lucio Ferreira

Assinatura do Participante da Pesquisa

Milena Lordelo

Assinatura do(a) Pesquisador(a)

Telefone/e-mail dos(as) Pesquisadores(as):

(71)999459540/milenalordelo@hotmail.com

Danyane Castilho Ferreira

Assinatura do Participante da Pesquisa

Milena Lordelo

Assinatura do(a) Pesquisador(a)

Telefone/e-mail dos(as) Pesquisadores(as):

(71) 999459540/ milenalordelo@hotmail.com
